

Ana Paula Meura

***Formação continuada do professor de arte:
o que permanece na escola?***

Porto Alegre

2012

Ana Paula Meura

***Formação continuada do professor de arte:
o que permanece na escola?***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Arte.

Orientadora:
Luciana Gruppelli Loponte

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Porto Alegre

2012

Agradecimentos

Agradeço a minha família, em especiais aos meus pais pelo apoio e paciência e mais essa etapa.

Ao meu namorado, por sempre acreditar nos meus objetivos e pela dedicação durante esse período.

À minha orientadora, Luciana Gruppelli Loponte, pelo incentivo e orientação.

Aos demais professores do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte pelos seus excelentes trabalhos e por nos proporcionar experiências que jamais serão esquecidas.

Aos colegas de curso pelo companheirismo durante esse ano.

Às professoras participantes da pesquisa por todo o seu empenho.

A todos que, mesmo não citados nessas breves palavras, estiveram presentes e acompanhando essa caminhada. Muito obrigada!



"Atenção: percepção requer envolvimento"

Antoni Muntadas

Resumo

Neste trabalho de conclusão de curso realizou-se uma reflexão que perpassa a formação continuada do professor de arte. Inicia-se focalizando o Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, onde se dá importância a palavra do professor participante dos encontros e vê-se a importância das ações educativas na sua formação abordando as mudanças ocorridas em suas práticas docentes através desse estreito contato com a arte contemporânea. A pesquisa segue abordando a atuação do professor de arte que participa de ações educativas e passa a refletir como esse professor articula os conteúdos e as vivências dos encontros com as suas práticas em sala de aula. Ainda pensando nas ações educativas como uma ferramenta para o professor segue com o estudo relacionado aos materiais didáticos que são distribuídos por instituições culturais para serem utilizados por professores e alunos. Por fim, apresenta-se a pesquisa realizada diretamente com dez professores focando a sua prática em relação aos conteúdos e aos materiais didáticos, refletindo sobre como esses conteúdos e materiais chegam e permanecem na escola. Para fundamentar tais discussões apoia-se nas falas de Laura Dalla Zen, onde a autora traz reflexões sobre os materiais didáticos, Alice Bemvenuti, que traz questões sobre as ações educativas e a sua importância na formação do professor de arte, e Jorge Larrosa, com a importante questão da experiência, abordando assim, não apenas as vivências do professor, mas de todos o que são envolvidos, os alunos e a comunidade onde ele está inserido.

Palavras-chave: formação do professor de arte, ações educativas, materiais didáticos.

Abstract

In this course completion, a debate that pervades the continued education of the art teacher was held. Starts focusing on the education program of the Vera Chaves Barcellos foundation, where importance is attached to the word of teacher participant in the meetings and there is seen the importance of educational initiatives in their formation, by addressing changes in their teaching practices through this close contact with contemporary art. The research continues by addressing the art teacher action who takes part in educational initiatives and begins to reflect how this teacher articulates the contents and the experiences of meetings with their own practices in classroom. Furthermore, considering the educations programs as a tool for the teacher, the research continues studying the teaching materials which are distributed by cultural institutions to be used by professor and students. Finally, it is presented the survey conducted directly with ten professor focusing on their practices in relation to the contents and teaching materials, thinking about how such materials arrives at and remain at schools. To substantiate such discussions this work is based on the words of Laura Dalla Zen, where the author gives reflections on the teaching materials, Alice Bemvenuti, which brings issues concerning educational initiatives and its importance in the art teacher development, and Jorge Larrosa, with the important experience issue, thereby addressing not only the professor experience but of all involved, students and community where he is inserted.

Keywords: art teacher education, educational initiatives, teaching materials.

Sumário

Lista de Figuras

Apresentação	p. 11
Percorrendo um caminho	p. 11
Introdução	p. 13
1 Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos: percurso e mudanças	p. 16
1.1 Análise e quadro de resultados do questionário avaliativo	p. 27
2 Da formação continuada à sala de aula: atuação do professor de arte participante do Programa Educativo da FVCB	p. 34
2.1 Materiais didáticos: uma ferramenta para o professor	p. 39
2.1.1 Material Pedagógico da FVCB	p. 44
2.1.2 Material didático e o professor	p. 52
2.1.3 Material didático e o aluno	p. 58
3 Análise das entrevistas: a palavra do professor e sua experiência	p. 62
3.1 Primeiro ponto: a palavra do professor	p. 62
3.2 Segundo ponto: a experiência	p. 68
3.2.1 Grupo A	p. 71
3.2.2 Grupo B	p. 74
Considerações Finais	p. 79

Referências Bibliográficas	p. 83
-----------------------------------	-------

Anexos	p. 87
---------------	-------

Anexo 1 - Vera Chaves Barcellos	p. 87
---	-------

Anexo 2 - Exposições	p. 88
--------------------------------	-------

Anexo 2.1 - Exposição “Silêncios e Sussurros”	p. 88
---	-------

Anexo 2.2 - Exposição Exposição “Pintura: da matéria a representação”	p. 90
---	-------

Anexo 2.3 - Exposição Exposição “Um Ponto de Ironia”	p. 91
--	-------

Anexo 2.4 - Exposição Exposição “Des Estruturas”	p. 93
--	-------

Anexo 2.5 - Exposição Exposição “Julio Plaza – Construções Poéticas”	p. 95
--	-------

Anexo 3 - Artistas	p. 97
------------------------------	-------

Anexo 3.1 - Eduardo Frola	p. 98
-------------------------------------	-------

Anexo 3.2 - Regina Ohweiler	p. 98
---------------------------------------	-------

Anexo 3.3 - Regina Silveira	p. 99
---------------------------------------	-------

Anexo 3.4 - Lygia Clark	p. 100
-----------------------------------	--------

Anexo 4 – Dispositivos de pesquisa	p. 101
--	--------

Anexo 4.1 - Questionário avaliativo do Programa Educativo	p. 101
---	--------

Anexo 4.2 - Questionário direcionado a alguns professores	p. 103
---	--------

Lista de Figuras

1.1	Sala dos Pomares, Fundação Vera Chaves Barcellos Foto: Juliana Lima	p. 16
1.2	Visita dos professores na exposição “Pintura: da matéria à representação”, na primeira edição do Programa Educativo em 2011. Foto: Juliana Lima	p. 18
1.3	Visita dos professores às exposições no Programa Educativo 2012 Fotos: Ana Paula Meura e Juliana Lima	p. 19
1.4	Encontro com a Prof ^a Dr ^a Paula Ramos na FVCB Foto: Luise Malmaceda	p. 20
1.5	Encontro com a arte-educadora Margarita Kremer na FVCB Foto: Juliana Lima	p. 21
1.6	Encontro com o artista Eduardo Frota Foto: Luise Malmaceda	p. 22
1.7	Encontro com a artista Regina Ohlweiler Foto: Luise Malmaceda	p. 23
1.8	Encontro e visita à exposição com a artista Regina Silveira Foto: Fábio Alt	p. 24
1.9	Visita de alunos à exposição “Des Estruturas” Foto: Ana Paula Meura	p. 26
1.10	Visita de alunos à exposição “Julio Plaza - Construções Poéticas” Foto: Foto: Fábio Alt	p. 26
2.1	Capa do material didático da exposição “Des Estruturas”	p. 45
2.2	Capa do material didático Da exposição “Julio Plaza - Construções Poéticas”	p. 46
2.3	Prancha do material didático “Des Estruturas”	p. 47
2.4	Prancha do material didático do didático “Julio Plaza – Construções Poéticas”	p. 48
2.5	Início do glossário de cada um dos materiais analisados	p. 49

2.6	Jogo feito a partir da obra “Quebra-nuvem”, 1999, de Helio Ferverza .	p. 50
2.7	Pranchas referentes à obra “Escultura Montável”, 1967, do artista Julio Plaza, presentes no material didático.	p. 50
2.8	Obra “Íthaca”, 1986, da artista Lenir de Miranda A artista estabelece relação com a literatura, que percorre todo o seu trabalho	p. 51
2.9	Professoras recebendo o material didático "Des Estruturas"Foto: Ana Paula Meura	p. 55
2.10	Professores recebendo o material didático "Julio Plaza - Construções Poéticas"Foto: Ana Paula Meura	p. 56
3.1	Alunos trabalhando na sala de vídeo com experimentação de materiais e novos suportes Foto: Ana Paula Meura	p. 74
3.2	Visita dos alunos à exposição Foto: Ana Paula Meura	p. 75
3.3	trabalho realizado pelos alunos e obra “Cubogramas Montáveis”, 1967-1975, do artista Julio Plaza Foto: Ana Paula Meura	p. 76
3.1	Vera Chaves Barcellos	p. 87
3.2	Vista 1 da exposição Foto: Juliana Lima	p. 89
3.3	Vista 2 da exposição Foto: Juliana Lima	p. 89
3.4	Exposição “Pintura: da matéria a representação” Foto: Juliana Lima .	p. 90
3.5	Vista da exposição Foto: Juliana Lima	p. 91
3.6	Exposição “Um Ponto de Ironia” Foto: Juliana Lima	p. 92
3.7	Vista da exposição Foto: Juliana Lima	p. 93
3.8	Vista 1 da exposição Foto: Juliana Lima	p. 94
3.9	Vista 2 da exposição Foto: Juliana Lima	p. 95
3.10	Exposição “Julio Plaza – Construções poéticas” Foto: Fábio Alt	p. 96
3.11	Vista 2 da exposição Foto: Fábio Alt	p. 97
3.12	Eduardo Frota	p. 98
3.13	Regina Ohweiler	p. 98
3.14	Regina Silveira	p. 99

3.15 Lygia Clark	p.100
----------------------------	-------

Apresentação

Percorrendo um caminho

Em 2008 iniciei o Curso de Licenciatura em Artes Visuais na UFRGS, quando surgiu o interesse em ações educativas que acontecem em espaços não formais de ensino. Ainda sem ter contato direto com a sala de aula, comecei a participar de encontros para professores. Aos poucos fui me familiarizando com esse mundo e percebendo que, através dessas ações, os professores de arte têm grandes aliados para sua atuação em sala de aula: as discussões e conteúdos abordados e os materiais que geralmente são distribuídos.

Em 2009 iniciei um estágio não obrigatório no Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos. Esta Fundação foi criada pela artista que dá nome a instituição em 2004 com o objetivo de preservar, difundir e pesquisar a obra da artista Vera Chaves Barcellos, além da produção contemporânea atual. Nessa época, a instituição ainda não tinha uma ação educativa tampouco uma sala de exposições. Em 2010 inaugura-se a Sala dos Pomares (nome dado a sala de exposições da instituição). Mas foi somente em 2011 que a FVCB dá início a um Projeto Educativo. Dentro da instituição pude acompanhar esse processo de implementação e crescimento do projeto.

O foco do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado em 2011, foi justamente a implementação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos e a sua repercussão na comunidade da qual ela faz parte, Viamão, cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Utilizando como objeto de pesquisa ações educativas de outras duas instituições semelhantes à FVCB (Fundação Iberê Camargo e Museu Lasar Segall) pude refletir sobre a importância das ações educativas tanto para o profissional da área de arte quanto para a comunidade da qual ele atua.

Também em 2011 realizei meu estágio no Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, localizado na cidade de Porto Alegre. Foi o meu primeiro contato com a sala de aula. Diante disso pude ter a experiência de um professor que participa

de ações educativas e perceber o quanto esses encontros nos ajudam em sala de aula.

Partindo dessas experiências, comecei a pensar em um próximo passo para continuar uma pesquisa que relacione os meus interesses e a minha atuação profissional atual: a formação do professor de arte e as ações educativas como uma ferramenta para esse profissional atuante nas escolas. Ainda atuando na Fundação Vera Chaves Barcellos e acompanhando de perto o agora Programa Educativo da instituição, a questão que surge é de que forma os conteúdos abordados nos encontros com os professores e, principalmente, os materiais distribuídos chegam à sala de aula e de que forma contribuem em suas atuações docentes.

Além de estar acompanhando o Programa Educativo da FVCB, sou professora de arte em uma escola de Viamão. Dessa forma, posso perceber e acompanhar as dificuldades e as precariedades do ensino da arte na escola, pois passei a ter contato com diversas realidades escolares através das aulas, observando o ambiente escolar, a sala de aula, os alunos e toda a comunidade escolar. Entretanto também notei alguns aspectos bons, pois estou tendo contato com muitos professores empolgados e com vontade de ampliar seus horizontes e aprender mais para poderem construir um crescimento em sala de aula.

Acredito que essa ponte entre instituições culturais com ações educativas consistentes com a escola e a comunidade da qual ela faz parte é fundamental e necessária para o acesso da escola à arte, provocando a ampliação do ensino da arte na interlocução com a cultura atual e local.

Introdução

A partir de experiências realizadas em um espaço formal de ensino, como professora em uma escola estadual da cidade de Viamão/RS, e em um espaço não formal de ensino, no Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, é que surgem diversos interesses. Na presente pesquisa o interesse gira em torno dos conteúdos abordados nos encontros direcionados a professores e os materiais didáticos distribuídos do Programa Educativo da FVCB. A partir desse interesse aliado a pesquisa realizada em 2011 sobre a implementação do Programa Educativo na instituição acima mencionada, procura-se pensar e refletir sobre de que forma os conteúdos e os materiais distribuídos em ações educativas chegam e permanecem na escola.

Durante o ano de 2012, através de um trabalho efetivo no Programa Educativo da Fundação Vera Chaves teve-se a oportunidade de acompanhar um grupo de professores em sua trajetória durante os encontros. A partir disso e com o desenvolvimento, pela Fundação Vera Chaves Barcellos, de um material didático relacionado às duas exposições do ano, “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – Construções Poéticas”, buscou através de questionários direcionados aos professores compreender de que forma tudo o que é vivenciado nos encontros, assim como os materiais didáticos, chega até a escola e até os alunos. Levando em consideração que a maior parte do professores é formada em outras áreas do conhecimento e ministram aulas de arte, tornou-se importante refletir também sobre as principais mudanças que ocorreram nas práticas desses docentes e se, novamente, os conteúdos e os materiais os auxiliaram nessas transformações.

Com a oportunidade de realizar um trabalho efetivo em uma escola estadual de Viamão, aliam-se as experiências, ao mesmo tempo em que se observa os professores participantes de uma ação educativa, torna-se uma professora participante de uma ação educativa. Desse modo, a reflexão sobre essa prática torna-se importante, pois se vê na prática tudo o que é estudado e observado com olhos de pesquisadora.

Desse modo, no primeiro capítulo é abordado um breve histórico do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, abordando a sua implementação e

o seu andamento no seu segundo ano de atuação com o auxílio das palavras da arte educadora e também coordenadora do Programa Educativo em 2012, Margarita Kremer. Para esse primeiro momento da pesquisa foi elaborado um breve questionário avaliativo para os professores participantes dos encontros e ao longo do texto desdobram-se reflexões diante da participação dos professores.

A partir do capítulo dois, começa-se a pensar efetivamente na atuação do professor de arte que participa de ações educativas em sala de aula. Aponta-se a questão da importância do ensino da arte na escola e das ações educativas para os professores atuantes e que buscam tais ações para terem seus primeiros contatos com a arte ou para vivenciarem os espaços expositivos e terem esse contato com as obras de arte, além de terem a oportunidade de trocas experiências com outros profissionais, ocasionando, assim, um (re)encontro com a arte.

Para tais discussões apresentam-se as reflexões de Luciana Loponte onde se reflete sobre a questão do ensino da arte na escola ainda ser alvo de muitos preconceitos; da arte educadora Mirian Celeste Martins em relação ao educador que ao mesmo tempo em que ensina também aprende no seu ato de ensinar, principalmente com seus alunos; Jorge Larrosa que traz a questão da experiência e por fim o conceito de “professor pesquisador” trazido por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque.

Ao longo desse capítulo, desdobram-se questões sobre materiais didáticos e em como eles auxiliam o professor em suas ações docentes. Com Laura Dalla Zen buscam-se fundamentos que ajudam a refletir a produção desses materiais e a suas finalidades, além de abordar questões históricas referentes à formação das ações educativas e a sua importância dentro da instituição cultural com a arte educadora Alice Bemvenuti. Por fim, busca-se estabelecer relações entre as considerações acima com o material didático da FVCB apresentando a sua estrutura e desenvolvendo algumas observações referentes à ligação dos materiais com os professores e com os alunos, respectivamente.

Para finalizar e apresentar resultados mais efetivos relacionados à prática do professor se fez outro questionário abordando questões mais específicas em relação à atuação dos professores nas escolas e as apropriações estabelecidas por eles durante os encontros. Além de serem apresentados dados referentes às respostas dos professores, buscou-se em uma experiência própria desenvolver algumas considerações sobre a apropriação dos conteúdos abordados nos encontros e dos materiais didáticos abordando atividades realizadas a partir da construção de um pequeno projeto

realizado com duas turmas do Ensino Fundamental.

Acreditando que a ponte realizada entre as instituições culturais, através de suas ações educativas, e a comunidade escolar, através, primeiramente, de seus professores, seja fundamental para que ocorram práticas mais significativas por oportunizarem o contato com obras de arte originais, artistas e espaços de ensino diferentes da escola, é que se baseiam as considerações que seguem. A partir dos muitos resultados positivos apresentados pensa-se como possibilidades futuras que os espaços museais e a própria arte continuem buscando e encontrando esse espaço através de professores engajados e preocupados com a aprendizagem de seus alunos e o seu acesso aos mais diversos espaços, as mais diversas culturas e experiências.

1 Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos: percurso e mudanças

Em março de 2011, teve início de forma piloto na Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB) o Projeto Educativo em parceria com a Secretaria de Educação da cidade de Viamão/RS ¹.



Figura 1.1: Sala dos Pomares, Fundação Vera Chaves Barcellos
Foto: Juliana Lima

¹“Viamão é uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, RS. É o maior município em extensão e possui cerca de 226670 habitantes, sendo aproximadamente 15796 residentes na zona rural da cidade” (Disponível em: Prefeitura de Viamão: <http://www.viamao.net/cidade.php> - Acesso em: 05.01.2013). A cidade possui muitas escolas, tanto na zona rural quanto na urbana. São 74 escolas municipais e 32 estaduais.” (Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp>. - Acesso em: 05.01.2013). “Desse total, 26 escolas municipais e 8 estaduais foram inscritas para participar do primeiro semestre do Projeto Educativo da FVCB, tendo 28 professores participando dos encontros.” (MEURA, 2011, p. 109).

A FVCB está inserida em uma comunidade que não possui instituições direcionadas à arte, nem o fácil acesso a instituições que ficam em cidades próximas, como Porto Alegre. Por ser uma instituição cultural direcionada à arte contemporânea, firma, através do início de um Projeto Educativo um compromisso com a comunidade em que está inserida.

O Projeto ocorreu simultaneamente com a segunda exposição da instituição, “Pintura: da matéria à representação” (anexo 2.2). Em seu primeiro semestre contemplou professores de diferentes escolas da cidade, alguns da zona rural e outros da zona urbana.

Ao longo do primeiro semestre de 2011 foram realizados diversos encontros para os professores em que eles tiveram a oportunidade de conhecer um espaço direcionado à arte contemporânea, ter contato com obras de arte, refletir e discutir sobre arte, pensar e trocar experiências através do contato com outros professores e conhecer e conversar com alguns artistas participantes da mostra. Todas as atividades do primeiro semestre tiveram a orientação da arte-educadora Mauren de Leon. Foi um início com resultados satisfatórios, pois se percebeu a vontade dos professores em querer estar mais perto da arte e realmente querer ampliar os seus conhecimentos, modificando, assim, a sua prática em sala de aula.

Nesses encontros, percebeu-se com clareza o potencial pedagógico que a FVCB tem pela frente: a receptividade dos professores frente às inúmeras possibilidades que o campo multidisciplinar da arte contemporânea possibilita (RÜDIGER e LEON, 2012, p. 131).

Os resultados das discussões e conversas puderam ser vistos durante todos os encontros de formação, mas, principalmente, no último em que os professores foram motivados a levar um pouco da sala de aula para a FVCB através de relatos de suas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Um questionário avaliativo do primeiro semestre do Projeto Educativo também auxiliou a chegar a algumas conclusões relacionadas às mudanças tanto na visão que os professores tinham de arte quanto na sua prática em sala de aula e no trabalho realizado por eles e seus alunos.

O Projeto Educativo teve continuidade no segundo semestre de 2011 com a terceira exposição da FVCB, “Um Ponto de Ironia”. Com isso, foram realizados novos encontros com conversas, troca de experiências, visitas à exposição, conversas com artistas e a apresentação dos professores de seu trabalho em sala de aula. Foi no segundo semestre que alguns professores conseguiram levar seus alunos até a instituição. Foram as primeiras visitas de grupos escolares que a Fundação recebeu,

proporcionando tanto para instituição quanto para o professor e os alunos um contato efetivo com a arte contemporânea. Os professores tiveram a preocupação de preparar seus alunos, trabalhar questões da exposição em sala de aula e refletir antes e depois da visita. A grande maioria dos alunos nunca tinha ido a uma exposição de arte, o que tornou ainda mais significativo a visita para os grupos que tiveram a possibilidade de realizar a visita.

Em 2011, pode-se perceber a importante contribuição do Projeto Educativo da FVCB para a comunidade na qual está inserida. A formação continuada do professor de arte é um aspecto fundamental assim como a importância de o professor estar interessado no que ensina e também na construção do que pretende passar para seus alunos. Como já explicitado anteriormente sobre o Projeto Educativo da FVCB em MEURA (2011), as ações educativas são importantes para os professores que participam, pois tudo o que é desenvolvido nos encontros vai se refletir nas suas ações e nos grupos com os quais eles atuam.



Figura 1.2: Visita dos professores na exposição “Pintura: da matéria à representação”, na primeira edição do Programa Educativo em 2011.

Foto: Juliana Lima

Em 2012, o agora consolidado Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, iniciou suas atividades no início do ano simultaneamente as quarta e quinta exposições realizada na Sala dos Pomares, “Des|Estruturas” (anexo 2.4) e “Julio Plaza – construções poéticas” (anexo 2.5). Nesse segundo ano de atuação do Programa Educativo, a FVCB “propõe consolidar, na sua comunidade, o amadurecimento de sua vocação educativa e transformadora através da arte” (KREMER, 2012), através de

encontros direcionados para os professores das redes públicas e privada de ensino.

O Projeto Educativo “Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e a sua contribuição educativa” foi contemplado em edital do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). Para o ano de 2012, a instituição e o Programa Educativo abriram as portas para professores de cidades vizinhas, tais como Gravataí, Cachoeirinha e Alvorada.



(a) “Des|Estruturas”



(b) “Julio Plaza - Construções Poéticas”

Figura 1.3: Visita dos professores às exposições no Programa Educativo 2012
Fotos: Ana Paula Meura e Juliana Lima

O Programa Educativo da FVCB se diferencia de outras ações educativas por oferecer ao seu público alvo vários encontros centrados na atualização do ensino da arte e do professor de arte, tendo assim um curso de formação continuada. Outras ações educativas da região desenvolvem suas atividades centradas em apenas um encontro onde são desenvolvidas diversas questões sobre a exposição, aliando oficina e visita guiada, em geral concentrando suas atividades em uma manhã ou tarde.

Assim como FVCB elas também realizam ciclos de palestras e outras atividades relacionadas às exposições, mas abertos a todo o público interessado e não direcionado apenas aos professores. No primeiro e segundo semestres de 2012, os professores tiveram a oportunidade de ter encontros com aulas direcionadas a temas variados relacionados à exposição “Des|Estruturas” e ao trabalho do artista Julio Plaza,

com a Prof^a Dr^a Paula Ramos ², aulas direcionadas a prática do professor em sala de aula, com a arte-educadora Margarita Kremer, encontros com dois artistas participantes da exposição “Des|Estruturas”, Eduardo Frota e Regina Ohlweiler, palestra e visita guiada pela exposição “Julio Plaza – construções poéticas” com as artistas Regina Silveira e Vera Chaves Barcellos, além de visitas guiadas com os professores e com os alunos às exposições.

Além dos encontros e visitas à exposição o Programa Educativo deste ano teve a oportunidade de produzir o seu primeiro material didático e distribuí-lo para os professores para ser utilizado em sala de aula.



Figura 1.4: Encontro com a Prof^a Dr^a Paula Ramos na FVCB
Foto: Luise Malmaceda

²Professora do curso de Artes Visuais e História da Arte do Instituto de Artes da UFRGS.



Figura 1.5: Encontro com a arte-educadora Margarita Kremer na FVCB
Foto: Juliana Lima

Os encontros com a professora Paula Ramos e com a arte-educadora Margarita Kremer possibilitaram aos professores um (re)encontro com a arte. Estando apenas no seu segundo ano de atuação, alguns dos professores que participaram em 2011, retornaram para os encontros. Em contrapartida, outros professores de outras escolas começaram a participar e como foi analisado através de um breve questionário avaliativo, muitos desses professores não possuem novamente a formação específica em arte. Esse fato acaba tornando os encontros ainda mais significativos, pois para alguns são os seus primeiros contatos com a arte, com obras de arte originais e com discussões relacionadas à prática artística contemporânea.

Os temas abordados incluíram a revisão de conceitos e práticas do campo das artes visuais, notadamente no que se refere à arte contemporânea, propondo um panorama crítico sobre a criação atual e aproximando os docentes dessa produção por meio do próprio acervo da FVCB. (KREMER, 2012, p. 33)

Como avaliado nos questionários respondidos pelos professores os encontros com os artistas desde os primeiros realizados em 2011 são o ponto alto do Programa Educativo. É realmente importante para os professores esse contato com os artistas participantes da mostra ou com pessoas que possam dar um breve panorama do trabalho do artista em questão. A conversa resulta em intensos debates que vão desde a própria biografia do artista até o processo de realização dos seus trabalhos.

Os professores tem a oportunidade de ouvir, questionar e levar um pouco do que ali vivenciaram para a sua prática em sala de aula.

Os artistas Eduardo Frota (anexo 3.1) e Regina Ohweiler (anexo 3.2), relacionados à exposição “Des|Estruturas”, estiveram presentes em encontros na Sala dos Poma-res e em um ciclo de palestras no Santander Cultural. O artista cearense Eduardo Frota falou sobre sua carreira como artista e mostrou o processo de construção das suas esculturas com a colaboração de uma equipe de jovens. Com isso, “ênfatizou a importância do trabalho como experiência em um projeto sociocultural agregador” (KREMER, 2012, p.34). Com a artista Regina Ohweiler foram discutidas questões mais detalhadas sobre o seu processo de trabalho relacionado principalmente à gravura, além de mencionar o desenho e a pintura.

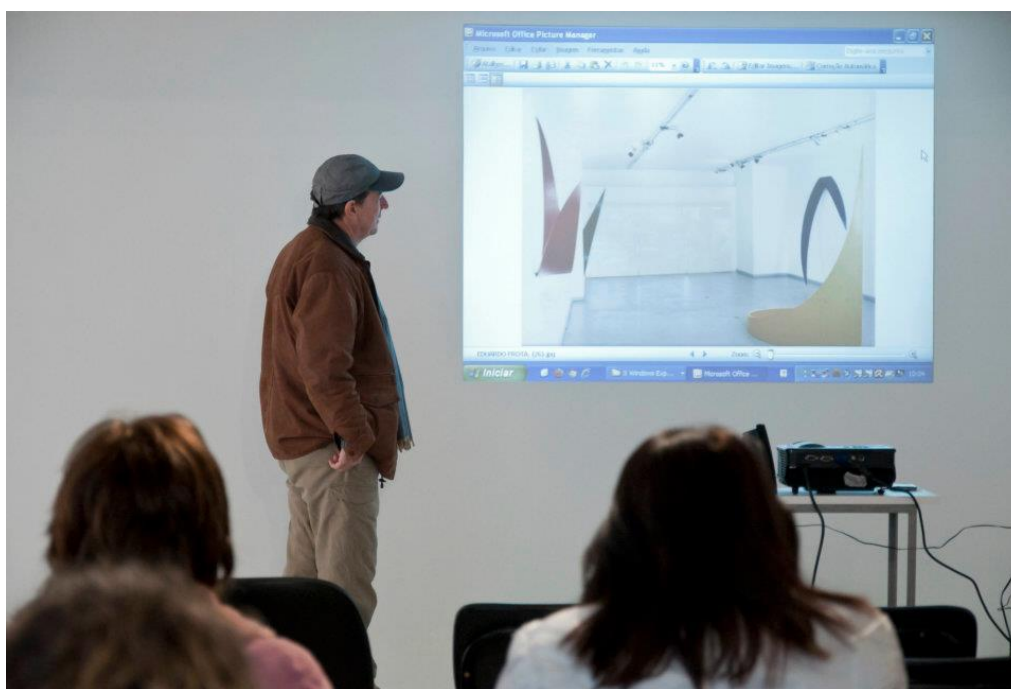


Figura 1.6: Encontro com o artista Eduardo Frota
Foto: Luise Malmaceda



Figura 1.7: Encontro com a artista Regina Ohlweiler
Foto: Luise Malmaceda

Já no segundo semestre, a Fundação realizou pela primeira vez uma exposição de obras de um único artista. Julio Plaza (anexo 2.5) foi um importante artista multimídia que atuou fortemente a partir da década de 70. Plaza faleceu em 2003 e para falar sobre o artista e sua obra, a FVCB trouxe a artista Regina Silveira (anexo 3.3), pessoa com quem Julio conviveu e produziu por muitos anos. Com Regina Silveira foram feitos dois encontros, um em Porto Alegre, no Santander Cultural, em uma palestra sobre Julio Plaza juntamente com a artista Vera Chaves Barcellos, e outro encontro realizado na Sala dos Pomares, onde Regina Silveira realizou uma visita guiada pela exposição.



Figura 1.8: Encontro e visita à exposição com a artista Regina Silveira
Foto: Fábio Alt

Todos os dois encontros provocaram certamente a ampliação do repertório e dos conhecimentos dos professores e isso pode ser visto nas avaliações respondidas. Como professora, acredito sim que os artistas podem ensinar muito a nós educadores. Ter a oportunidade de ver a obra de arte original, discutir sobre ela e ainda poder ouvir o próprio artista ou alguém falar sobre sua obra e seus processos artísticos torna realmente o trabalho em sala de aula mais significativo, pois amplia a nossa capacidade de estabelecer relações e compartilhar informações preciosas com nossos alunos.

Como foi dito anteriormente foi somente em 2012 que a Fundação conseguiu desenvolver um material didático para o Programa Educativo. O material foi produzido para ser distribuído para os professores participantes do Programa Educativo para ser utilizado na escola, em sala de aula com seus alunos. Pode-se dizer que o material pedagógico torna-se uma extensão da exposição. Com ele é possível trabalhar diversas questões em sala aula, além de conseguir realizar diversas atividades relacionadas às obras e aos artistas. O material pedagógico do Programa Educativo da FVCB foi produzido em formato A4 seguindo padrões realizados por outras instituições pela facilidade em relação ao transporte e a utilização em sala de aula.

Os materiais didáticos da FVCB foram elaborados a partir das mostras “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – Construções Poéticas”. O material elaborado a partir da mostra

“Des|Estruturas” é constituído por 10 fichas de leitura de obra, glossário com palavras-chave para discutir e pensar os trabalho em questão e 2 jogos, reproduzindo as obras “Quebra-Nuvem”, de Helio Ferverza, e “Combináveis e Permutáveis”, de Vera Chaves Barcellos. O material desenvolvido a partir da mostra “Julio Plaza – Construções Poéticas” é constituído por 6 fichas de leitura de obra, glossário com palavras-chave para pensar cada um dos trabalhos da mostra, 2 reproduções montáveis de duas obras do artista, “Escultura Montável” e “Cubogramas Montáveis”. Cada ficha, em particular, traz a reprodução fotográfica de um trabalho artístico, um breve texto, a biografia sucinta do artista e a indicação de palavras-chave. Tanto as fichas como os jogos e as reproduções montáveis das obras, podem ser adotadas em turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Acredita-se que o material didático se torna uma ferramenta que pode auxiliar o professor em sala de aula, assim como pode contribuir com a pesquisa do professor para a construção de suas aulas e discussões com os alunos. Aos professores participantes dos encontros foi-lhes perguntado sobre a recepção e a utilização desse material. As respostas e os resultados serão vistos mais adiante no capítulo 3 da pesquisa.

Uma questão importante do ano de 2012 para o Programa Educativo foi o crescimento do número de visitas à Sala dos Pomares. Através da parceria com a Secretaria de Educação de Viamão, foi disponibilizado às escolas municipais ônibus gratuitos para trazer os grupos de alunos. Dessa forma, os professores tiveram a oportunidade de trazer seus alunos até a exposição e os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um espaço direcionado à arte contemporânea na sua cidade, um espaço que é deles e que eles podem visitar quando quiserem. Mas, mesmo apenas as escolas municipais tendo sido contempladas com ônibus, as escolas estaduais e privadas também se organizaram e trouxeram suas turmas.

Dessa forma, o Programa Educativo da FVCB realizou uma ação que realmente chegou aonde queria, nos alunos. Alunos que tiveram a oportunidade de conhecer um espaço, fruir obras de arte originais e realizar um trabalho mais significativo com seus professores.



Figura 1.9: Visita de alunos à exposição “Des|Estruturas”
Foto: Ana Paula Meura



Figura 1.10: Visita de alunos à exposição “Julio Plaza - Construções Poéticas”
Foto: Foto: Fábio Alt

Com isso, percebem-se questões importantes nas ações educativas no que diz respeito ao professor, agente que enfrenta as mais diversas situações diariamente, quanto para as instituições culturais que oportunizam a esses professores novos es-

paços para que possam ocorrer aprendizados e trocas de saberes tanto entre professores quanto entre comunidade e instituição.

Toda a contribuição do Programa Educativo e os resultados obtidos pelos professores puderam ser percebidos nos encerramentos do primeiro e segundo semestres de 2012. Nesses encontros os professores trouxeram seus relatos e os trabalhos realizados por seus alunos. Nota-se com isso que ações educativas como a da Fundação Vera Chaves Barcellos tem um papel fundamental na comunidade que estão inseridas. Oportunizar aos professores uma formação continuada em arte é contribuir de forma relevante para a valorização da arte e do ensino não só na escola, mas em toda a comunidade que passa a ser atingida pela ação.

Dessa forma, pretende-se a partir de agora, buscar nas avaliações do Programa Educativo e nos questionários respondidos por alguns dos professores participantes dos encontros respostas mais efetivas sobre a sua participação nos encontros. Além disso, pretende-se traçar um quadro a partir dos resultados da pesquisa explicitando a relação desses professores com os conteúdos abordados nos encontros e o material didático distribuído. Diante disso, chega-se até os alunos e reflete-se como os encontros para professores interferem na dinâmica da sala de aula e na relação do professor com seus alunos e dos alunos com a arte.

1.1 Análise e quadro de resultados do questionário avaliativo

Diante de todos os encontros e as experiências vivenciadas e trocadas, apresento um quadro enfatizando os resultados obtidos através de um breve questionário (anexo 4.1) direcionado aos professores participantes do segundo ano do Programa Educativo da FVCB. Nessas terceira e quarta edições do Programa Educativo, infelizmente muitos professores deixaram de responder o questionário e contribuir com as suas futuras ações.

O questionário avaliativo, direcionado aos participantes dos encontros do Programa Educativo, teve o objetivo de traçar, entre outras questões, um perfil do público que atendeu, o número de alunos que foram atendidos efetivamente pelo Programa Educativo através das visitas mediadas nas exposições “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – construções poéticas”, e se através do material pedagógico distribuído, dos encontros e das visitas à exposição ocorreram mudanças efetivas em sala de aula.

Questões	Respostas
Quantidade de professores inscritos no início do ano de 2012 nos encontros do Programa Educativo:	45 professores na exposição “Des Estruturas” e 48 professores na exposição “Julio Plaza – Construções Poéticas”.
Questionários analisados	30 professores responderam ao questionário.
Professores com formação em Arte Visual:	Dos 93 professores participantes do Programa Educativo em 2012, apenas 13 possuíam a formação em arte e alguns deles estão cursando Artes Visuais ou História da Arte.
Professores com formação em outras áreas do conhecimento:	Dos 93 professores participantes do Programa Educativo em 2012, 80 possuíam a formação em outras áreas do conhecimento.
Quantidade de professores que visitaram a FVCB com suas turmas:	22 professores visitaram a exposição “Des Estruturas” e 23 professores visitaram a exposição “Julio Plaza – Construções Poéticas”.
Quantidade de alunos e professores que visitaram as exposições:	Durante o ano de 2012 a Sala dos Pomares recebeu a visita de 1309 pessoas entre professores e alunos das escolas da cidade de Viamão.
A formação inicial dos professores, como visto acima, nem sempre é em arte. Ao lado estão listadas outras áreas do conhecimento em que os professores são formados:	Magistério, Pedagogia, Educação Artística, Artes Visuais, História, Letras, Pós em alfabetização, Pós em educação Infantil

<p>Nas escolas onde trabalham, os professores relataram que ministram as seguintes disciplinas:</p>	<p>Arte, Português, Inglês, Arte, História, Sociologia, Filosofia, Religião, Estudos Sociais, Geografia, Ciências, Anos iniciais e Artesanato</p>
<p>Seguem ao lado, algumas opiniões dos professores sobre os encontros:</p>	<p>“Novas visões sobre como trabalhar determinados conteúdos em arte”; “Visita à exposição foi fundamental para o direcionamento das atividades a serem realizadas com os alunos.”; “Desmistificação do moderno e do contemporâneo.”</p>
<p>Ao lado seguem algumas opiniões dos professores sobre os conteúdos abordados durante os encontros do Programa Educativo da FVCB:</p>	<p>“Muito bom! Ajudou a esclarecer muitas dúvidas em relação à arte e a quebrar algumas barreiras.”; “Arte contemporânea. Ótimo poder discutir e ouvir.”; “Significados. A essência da produção quase sempre uma crítica.”; “Apresentaram mais possibilidades de se trabalhar em sala de aula.”; “Denso. Mas foi discutido de forma leve e de fácil compreensão.”; “A História da Arte é um tema fascinante. O curso trouxe novos conhecimentos e perspectivas referente à Arte.”</p>
<p>Seguem alguns dados sobre o material didático e a utilização pelos professores:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apenas alguns professores deixaram de ler por completo. - Para todos os professores leram e utilizaram o material o glossário auxiliou muito em suas ações em sala de aula. - Alguns professores dizem ter apresentado dificuldades ao utilizar o material devido a linguagem e a como utilizar o material em sala de aula.
<p>Comentários dos professores sobre a utilização do material didático:</p>	<p>“Ótimo retorno na escola. Pude utilizar com os alunos.”; “Eu poderia ter criado um glossário da turma seguindo a mesma lógica do material.”; “Por ser uma turma portadora de necessidades especiais eu tive algumas dificuldades para utilizar o material e adequar a minha sala de aula.”</p>

<p>Foi questionado se os professores, depois de terem participado dos encontros do Programa Educativo, vêem mudanças em relação ao que eles pensavam sobre arte. Seguem algumas observações dos professores:</p>	<p>“Ajudou a pensar formas diferentes de trabalhar arte na escola.”; “Perceber que existem obras e artistas diferentes dos tradicionais que estamos acostumados a ver.”; “Para o melhor desempenho é preciso busca, leitura, visitas à exposição, etc.”; “Motivação para cursar uma faculdade de Arte.”; “Perceber a possibilidade de ir construindo um caminho junto com o aluno, alcançando novas abordagens dos conteúdos.”; “Ampliação da compreensão do contexto histórico.”; “Oportunidade de descobrir / desenvolver meu potencial docente em arte, pois esta é uma área pouco abordada na faculdade.” (Formação em Pedagogia); “Maior valorização da obra de arte e mais paciência para apreciar (fruir).”; “A partir das obras de Julio Plaza pude fazer relações com as outras áreas de conhecimento como português e matemática principalmente.”</p>
<p>Para os professores o que foi mais significativo nos encontros? Ao lado, algumas respostas:</p>	<p>“Quando foi falado sobre a questão cor e forma.”; “Visita à exposição com os professores.”; “Visita à exposição com os alunos.”; “O encontro com os artistas deu mais significado aos encontros.”; “Tudo foi novo para mim, professora, e para os alunos. O sentimento maior sempre foi de insegurança, mas as atividades e as experiências foram enriquecedoras tanto para mim (nos encontros) quanto para eles (na visita e nas atividades propostas).”; “A conversa com o artista Eduardo Frola. O seu processo e a sua preocupação com os jovens.”; “Achei muito interessante o processo de elaboração de cada um e a necessidade de Eduardo Frola querer ver sua obra colocada de maneira absolutamente acessível a todos os olhares. Pois quem espera encontrar uma obra de arte de forma tão grandiosa dentro um espaço público? Com a Regina senti a necessidade de transmitir o seu emocional através de sua obra. Além de perceber como cada um utiliza os seus conhecimentos acadêmicos no seu processo de trabalho.”</p>

<p>Os professores relataram também algumas mudanças percebidas em sala de aula. Ao lado, algumas dessas observações:</p>	<p>“Mais segurança para trabalhar com alguns temas e motivar os alunos para as atividades propostas.”; “Conseguir trabalhar com diversos materiais em sala de aula.”; “Mais segurança e elementos para mediar as manifestações dos alunos.”; “Na relação com os alunos: mudança no olhar sobre ‘a arte dos arteiros’, que riscam mesas e paredes, buscando um significado e um direcionamento possível para essas formas de expressão.”; “Pouca mudança em sala de aula. Já é difícil para mim, como professora, mudar o que já está enraizado. Com os alunos sinto a mesma dificuldade, pois é através de mim que a arte está chegando, em muitos casos, pela primeira vez neles.”; “Mudei a forma de relacionar os conteúdos da arte com a realidade dos alunos e obtive uma maior participação deles.”; “Os alunos passaram a confiar mais nos seus trabalhos e durante o processo se mostraram mais atentos.”; “Os alunos, depois da visita à exposição, começaram a criar seus trabalhos de outra forma, alguns reproduzindo o que viram, outros criando com o menor número de traços e dando significados. A minha postura agora está focada na interpretação dos trabalhos.”; “Parar para ouvir o que o aluno tem a dizer é fundamental para que não seja apenas a visão do professor em sala de aula.”; “Consegui olhar diferente para meus alunos e explorar mais as suas habilidades.”; “Observar o interesse dos alunos pela arte.”; “Os alunos começaram a compreender a importância do ensino da arte. Além de ter possibilitado a ampliação do interesse pela disciplina.”; “Valorizo mais o trabalho do aluno e me sinto mais preparado para orientá-lo em seu trabalho.”</p>
--	--

Tabela 1.1: Quadro da Avaliação do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos nos primeiro e segundo semestres de 2012.

A partir do quadro acima e conhecendo os professores por tê-los acompanhado durante os encontros, percebe-se a importância de levar em consideração todas as respostas. É a partir dos professores assíduos nos encontros que a instituição chega

até a escola, aos alunos e conseqüentemente a comunidade onde a instituição está inserida. É importante perceber e valorizar o profissional que atua com arte na escola oferecendo-lhe um espaço para que suas ações em arte se ampliem e saiam da sala de aula, fazendo com que seu aluno também crie uma relação com o espaço que lhe pertence.

Constata-se mais uma vez que ações educativas organizadas por instituições culturais em comunidades onde o acesso a elas é restrito é importante tanto para os profissionais que atuam com arte nesses espaços, quanto para as pessoas que passam a conhecer e a frequentar esse local que é aberto e acessível a todos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno que desenvolve a sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN³, 1997).

A citação acima enfatiza a importância do ensino da arte relacionado às experiências humanas. E isso já é possível através da presença da arte na escola e de ações educativas organizadas que promovem o acesso aos bens culturais das cidades através de encontros com os professores e atividades para receber a comunidade escolar e o público em geral. Através disso cria-se uma relação de pertencimento e valorização do patrimônio cultural.

Acredita-se que realmente houve um crescimento e um aprendizado. Muitos dos professores que responderam não tinham participado ainda dos encontros do Programa Educativo. Mas, pensando nos professores que já haviam participado, nota-se um amadurecimento e uma vontade de sempre estar participando dos encontros e das discussões. Eles relataram, entre outras coisas, momentos que mais foram significativos tanto para eles como participantes dos encontros como para seus alunos, os principais atingidos pelos professores participantes. Percebe-se o crescente interesse dos professores, dos seus alunos e conseqüentemente da escola que também é atingida. Apesar de muitos relatarem dificuldades em trabalhar e até mesmo com-

³“Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) — são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania.” (Disponível em: http://www.educacional.com.br/legislacao/leg_vi.asp - Acesso em: 07.01.2012)

preender tudo o que estava sendo abordado, já ocorreram mudanças também nesses casos, pois já foram atingidos de certa forma e algo foi transformado em sala de aula, mesmo que sendo em um processo mais lento.

Os relatos nos últimos encontros dos dois semestres mostraram diferentes realidades e barreiras enfrentadas por muitos dos professores. Alguns sem liberação de suas respectivas direções, alguns com dificuldades de locomoção e ir até os encontros, outros ministrando aulas em lugares onde a criminalidade prevalece e ainda aqueles enfrentando o preconceito de colegas, direção e pais por participar de algo relacionado a arte. Vimos relatos de professores que não se encontram situações tão adversas e que possuem total apoio da escola, conseguiram cativar com arte seus alunos e a comunidade escolar. Mas todas as situações revelam a superação, o esforço e o crescimento de cada um dos participantes.

Outro fator importante nessas terceira e quarta edições do Programa Educativo foram as visitas que os alunos tiveram a oportunidade de realizar. Para muitos professores foi gratificante poder, além de participar e realizar com seus alunos atividades em sala de aula relacionadas a um espaço próximo a eles, ter a oportunidade de levá-los até a instituição e viver o espaço e a exposição não apenas por imagens, tornando o trabalho ainda mais significativo.

E o que acrescentou no trabalho do professor em sala de aula também, foi o material didático desenvolvido para as duas exposições de 2012. Esse material tornou-se uma extensão da exposição que chega até a sala de aula. Para quem não teve a oportunidade de visitar, tem-se ali as imagens para conferir algumas das obras que estão presentes na mostra. E para quem teve a oportunidade de ir até a instituição, o material enriquece as discussões em sala de aula, pois possibilita rever muitas em imagens muito do que já foi visto pessoalmente. Além disso, os conteúdos do glossário e das fichas auxiliaram o professor pesquisador na sua ação com seus alunos.

Foram experiências levadas de um espaço ao outro e ambas as partes ampliaram seu conhecimento. Essa relação que as ações educativas provocam é importante para a instituição que a promove, pois ela passa a conhecer e integrar de forma efetiva a comunidade em que está inserida. É importante também para quem participa dela, pois se cria a consciência de que aquele espaço é para ser usufruído e que sem o espectador nada do que acontece ali faz sentido.

2 Da formação continuada à sala de aula: atuação do professor de arte participante do Programa Educativo da FVCB

Ainda é recente no Brasil a relação entre instituições culturais, ligadas especificamente à arte, com ações educativas regulares atuando próximas à educação formal. A maior parte dessas instituições no Rio Grande do Sul oferece entrada gratuita, o que constata, de certa forma, que a pouca procura por esses espaços é reflexo da falta de hábito do público. As instituições estão sempre abertas para receber o público que as procura principalmente para a visitação tanto de exposições quanto para conhecer o espaço. Muito dessa falta de relação estabelecida entre as instituições e o público se deve a educação que ainda não prioriza o ensino da arte na escola ou não fornece ferramentas mais efetivas para que esse contato aconteça. Segundo Luciana Loponte,

A arte no campo da educação (aqui pensando em artes visuais, teatro, dança e música), é uma área de saber que ainda é de certa forma marginalizada na hierarquia curricular escolar ou considerada como uma atividade extracurricular, acessória ou alentadora da seriedade das disciplinas mais “importantes”. Muitas vezes a arte que entra na escola é uma “arte” consoladora, confortável, presente em decorações de datas comemorativas, recurso para outras disciplinas, representações apenas para mostrar aos pais e mães. (LOPONTE, 2012, p.23)

A citação acima afirma a falta de espaço que a arte tem na escola. Para que essa situação mude é sim necessária uma melhoria no ensino aliada a valorização do profissional que atua com arte na escola. Pois, além da falta de espaços específicos e o pouco tempo destinado a prática artística, ainda encontramos professores formados em outras áreas do conhecimento ministrando aulas de arte dentro do ambiente escolar.

Atualmente, as instituições culturais tem investido em ações educativas regulares

e permanentes com objetivo de aproximar cada vez mais o público da arte. É “[...] nos anos 80 que o papel da educação nesses espaços não formais começou a ter realmente importância, sendo colocados os saberes e experiências dos visitantes como uma das prioridades, juntamente com as informações já presentes e acumuladas nos espaços.” (MEURA, 2011, p. 36). A maior parte dessas ações oferece principalmente para professores e estudantes, encontros, palestras, oficinas, visitas mediadas às exposições, encontros com artistas, entre outras atividades. As ações educativas geralmente contam com uma equipe formada por coordenadores e mediadores responsáveis, entre outras tarefas, por atender o público, desenvolver e organizar oficinas, atividades e encontros e produzir e construir materiais didáticos, que são distribuídos ao público e contribuem de forma efetiva na construção do conhecimento e na pesquisa de professores e alunos, pois são uma extensão da exposição e promovem a continuidade de discussões iniciadas na visita, ou apenas auxiliam na dinâmica dos grupos que não tiveram a oportunidade ver a mostra em questão.

Atualmente, as ações educativas estão sendo mais valorizadas e a procura por elas é crescente. Os professores com formação em arte as buscam pela vontade de estar sempre em contato com as instituições, exposições, conhecer novos artistas e atualizar-se para ampliar seus conhecimentos na área e desenvolver outros modos de atuação em sala de aula. Os professores que não possuem a formação específica em arte, mas que atuam com arte na escola ou se interessam pela área do conhecimento, buscam esses encontros promovidos pelas ações educativas de instituições culturais para ampliar o seu conhecimento e, muitas vezes, ter ali os seus primeiros contatos com a arte, com exposições e artistas. Ou ainda buscam informações e trocas de experiências para poder inserir e fazer relações da sua disciplina com a arte em suas aulas.

Em relação à ação educativa promovida pela Fundação Vera Chaves Barcellos é a partir da presença da arte é que vão sendo construídos os encontros que auxiliam na formação continuada do professor e fazendo com ele, a partir das suas práticas em sala de aula, de novos significados, juntamente com seus alunos, a arte. É nos encontros direcionados a eles que novas ideias surgem ampliando a sua prática no desenvolvimento de atividade relacionando a arte e o cotidiano. Desse modo, os professores passam a construir uma reflexão coletiva em sala de aula através das inúmeras ligações entre obras, artistas e as próprias experiências que os alunos apresentam durante a discussão. A partir dessa nova relação estabelecida, os alunos passam a se ver como agentes pensantes e capazes de construir conhecimento e reflexão, ou

seja, um sujeito ativo na sociedade.

É importante perceber e valorizar esse professor que está interessado no que ensina e que busca sempre ampliar seu repertório na construção do que pretende passar para seus alunos. O professor precisa se sentir seguro ao escolher o conteúdo e as práticas que irá propor em sala de aula, além de ter sua proposta bem definida e saber que ela está aberta a mudanças durante todo o processo de trabalho. Os professores que buscam essa parceria com as ações educativas, principalmente os que não possuem sua formação inicial em arte, ao longo do processo vão conquistando essa segurança (mesmo que ela não seja completa) e entendendo que seus alunos constroem grande parte dos encontros semanais através do repertório que carregam consigo. Basta o professor saber, buscar e pesquisar a melhor alternativa de aliar o que alunos trazem com as propostas sugeridas por eles. Mirian Celeste Martins em seu texto “Sensível olhar pensante” fala um pouco sobre o ensinar e o aprender diário de um professor, fala do olhar, do olhar pensante, o olhar que não apenas vê.

Educador ensina a pensar, pensando. Educador ensina a olhar, olhando. Mas, não é um “ver qualquer”, superficial, rápido, não-implicado com o conhecimento. Educador ensina o sensível olhar - pensante. Olhar sensível, e que é portanto, afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia. Olhar - pensante é percepção cognoscitiva. Percepção que vai além dos dados sensoriais. O Olhar pensa, é visão feita interrogação, diz Cardoso. Olhar - pensante curioso diante do mundo, que transcende as aparências e procura o que está por trás (MARTINS, 1996, p. 21).

Diante das respostas dos questionários e da apresentação dos professores nos últimos encontros das duas edições de 2012 do Programa Educativo, percebe-se realmente esse efeito multiplicador que a relação entre educação formal e educação não formal possui. Pablo Helguera (2011), ao utilizar o conceito de “arte socialmente engajada”¹, fala dessa força que eventos mobilizadores que atingem determinada comunidade possuem. Ao colocar que um “fator [...] que deve ser considerado é sua

¹ Trata-se da “prática como se dá hoje e em como determinados artistas, movimentos e eventos conseguiram comunicá-la de maneira significativa.” Ou ainda em “décadas anteriores, a arte baseada na interação social era identificada como ‘estética relacional’ e como arte ‘comunitária’, ‘participativa’, ‘colaborativa’, ‘dialógica’ e ‘pública’, entre várias outras denominações.” (HELGUERA, 2011, p. 35 e 36). Helguera ainda acrescenta que a arte socialmente engajada “como se manifesta hoje, mantém a mesma consciência dessas práticas, mas, com frequência, expande a profundidade das relações sociais, promovendo, algumas vezes, ideais, tais como: capacitação, criticidade e sustentabilidade, entre os participantes.” (HELGUERA, 2011, p. 39), acredita-se que as ações educativas podem, realmente, ser pensadas a partir desse conceito de Helguera, pois elas mobilizam uma parcela importante da comunidade, os professores e os interessados em arte. Dessa forma, a partir da união de instituições culturais e a comunidade onde estão inserida, mudanças significativas podem ocorrer através da aproximação da arte com o público.

expansão para incluir participantes de fora dos círculos normais de arte e do mundo da arte”, já que muitos dos participantes de encontros para professores ainda não possuem a formação específica na área e ali são os seus primeiros contatos com a arte, além de os principais atingidos por esses professores são seus alunos e a comunidade escolar que, na maioria dos casos, também não fazem parte do grupo que está fora do “círculo da arte”, ele afirma esse efeito multiplicador que as ações educativas possuem.

A maior parte dos professores relatam se sentir mais seguros para trabalhar arte com seus alunos e abordar os mais diversos assuntos, além de perceberem que as aulas de arte não feitas apenas de folhas A4 brancas e lápis de cor e canetinha. Outro aspecto que surge a partir dessa relação, é a mudança nos alunos. Segundo os professores eles se interessam mais pela arte e pelas propostas, além de os trabalhos realizados em sala de aula serem mais valorizados tanto pelos próprios alunos quanto pelos professores.

Um ponto importante a ser abordado é a visita à exposição que possibilita ao aluno e ao professor um encontro diferente, fora das quatro paredes, um encontro em um espaço novo, em que a experiência de entrar em contato com as obras de arte originais e fruí-las se torna um processo importante para a construção do conhecimento do educando. É a partir disso também que percebe-se a escola como “a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação” (BARBOSA, 2007, p.33).

A questão da experiência é algo muito presente nesse momento em que ocorrem as visitas dos alunos às instituições culturais. No caso específico do Programa Educativo da FVCB a maior parte das turmas que chegaram até a Sala dos Pomares chega com poucos conhecimentos prévios e tudo era novo, tudo chamava a atenção. Ao serem questionados “você já foi em alguma exposição de arte?” ouvia-se o coro de longe “não”. Acredita-se ser principalmente por esse fato que os novos visitantes e novos frequentadores das exposições se deixavam desestabilizar durante a visita. Eles vinham prontos para passar por uma nova experiência, eram receptivos e abertos para tudo o que poderia acontecer dentro do espaço expositivo. Jorge Larrosa em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” fala desse “sujeito” que vive essa experiência. Ele trata a experiência como o que “nos passa, o que nos acontece” e é justamente isso que se passa com esses novos olhares dentro do espaço expositivo, pois, segundo o autor,

o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002, p. 24)

Ou seja, no caso dos novos visitantes das exposições da FVCB, esses novos sujeitos da experiência, estavam realmente abertos e disponíveis para o que iria acontecer naquele novo espaço. Não só os vários sujeitos, mas o grupo como um todo estava pronto para vivenciar algo novo nesse contato com a arte e, principalmente, com a arte contemporânea. Colocam-se aqui, esses fatos que acontecem próximos ao nosso cotidiano, ao nosso dia a dia. Na e com a arte contemporânea não temos a representação da burguesia e tudo o que ela representava em épocas passadas, temos sim é emaranhado de pontos que podem ser desdobrados, pontos esses relacionados principalmente com o que nos acontece a toda hora.

Desse modo, pode-se afirmar que as experiências, em muitos momentos, se aproximam de elementos banais do nosso cotidiano, da nossa vida mesmo que nem percebamos esse encontro que é provocado entre a arte e a vida. Todos os espaços, ruas, calçadas, corredores podem abrigar os mais diversos elementos ligados a arte, obras ou até mesmo o vazio, podendo, assim, desencadear uma experiência se, nesse encontro, nesse contato com esses elementos fizer com reflitamos e pensamos o que nos provocou.

Constata-se com essa reflexão que as ações educativas ao atingirem professores e alunos tornam o aprendizado mais rico e significativo. Os professores ao participarem de ações educativas começam a “percorrer trajetos de encontros com a arte” (MARTISNS, 2011) além de perceberem as inúmeras possibilidades e potencialidades tanto em si quanto em seus alunos. Dessa forma, e como já experienciado por Mirian Celeste Martins (2011), torna-se importante valorizar, durante os encontros das ações educativas, “os momentos de acolhimento, o encontro com as obras e a finalização/avaliação da experiência vivida, esperando que os professores e professoras que acompanham seus alunos continuem as conversas ali geradas”.

Dessa forma, algumas portas começam a se abrir na escola para que arte tenha seu espaço e seja valorizada por toda a comunidade escolar. O “professor-pesquisador” (MARTINS, PICOSQUE, 2008, p.133) ao se interessar mais pela sua área e buscar sempre a construção e ampliação do seu conhecimento está mais

aberto e seguro na sua atuação em sala de aula e isso se reflete na relação com seus alunos durante a prática e o desenvolvimento das propostas.

2.1 Materiais didáticos: uma ferramenta para o professor

Opta-se nessa nova pesquisa sobre o agora Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos enfatizar a construção de um material didático distribuído aos professores participantes do curso de formação continuada oferecido pela instituição desde 2011. Dessa forma tem-se um material didático de uma instituição cultural e pretende-se, através de uma pesquisa direta com alguns professores, ver de que forma esse material chega até as escolas e é utilizado tanto pelos professores como forma de pesquisa como pelos alunos durante as práticas em sala de aula.

O dois materiais analisados e comentados com os professores foram feitos a partir das duas exposições de 2012 realizadas na instituição, “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – construções poéticas”.

Mas não se pode falar dos materiais didáticos sem falar brevemente da história das ações educativas em instituições culturais no Brasil.

As instituições culturais estão optando por ações que auxiliam e aproximam o público da arte. As coleções nos séculos XV e XVI apenas existiam para indicar àqueles que tinham poder e os conhecimentos relacionados a esses objetos e obras guardadas estavam apenas disponíveis aqueles que estavam ligados a determinados grupos sociais. Dessa forma, as coleções estiveram por um longo período escondidas do seu maior público. Nesse período pensava-se que o povo não precisava e muito menos se interessava por arte e tampouco “sabia comportar-se dentro dos museus” (DALLA ZEN, 2011, p.31).

Uma mudança surge com a Revolução Francesa quando a coleção do rei da França, despejado de sua casa (Louvre), é aberta em uma primeira exposição contendo pinturas e esculturas de artistas da época (VIDOKLE, 2009). A partir desse fato, um novo público começa a ser espectador. Dessa forma o acesso deixou de ser restrito e passou a ser considerado de todos. Aos poucos as portas dos museus foram abertas para o público, mas isso faz parte de um longo processo.

Para as instituições, o surgimento do público implica a transição de co-

leções que deixam de ser privadas para assumirem a ampla função social de modelar a opinião pública. Desta forma, ambos, artista e instituição de arte, passam a desempenhar uma posição definitivamente soberana. É interessante notar que tudo isso foi possível através de um simples processo de observação: o de olhar as peças de arte e as representações (VIDOKLE, 2009, p. 42).

Sente-se a necessidade de educar através da arte pois, segundo Alice Bemvenuti (2004), com os acontecimentos descritos acima gera-se um “entendimento de patrimônio histórico, através da valorização dos objetos museológicos”. A autora ainda acrescenta que, em 1792, o Ministro do Interior Francês, “manifesta o caráter educativo dos museus, demonstrando as preocupações em relação ao público e aos aspectos sociais”. Desse modo, à medida que as instituições foram abertas ao público, o que estava presente nas coleções foi se tornando pouco a pouco uma enciclopédia para esse público. A instituição passa a ser sedutora e vista com potencialidades educativas.

Antes desse momento que ocorreu na Revolução Francesa, o museu contribuía

para a autorrepresentação e autoafirmação da razão, o novo tema burguês. Mais precisamente, esta ideia, esta “identidade fictícia” de propriedade, de proprietário e de ser humano, pura e simples, foi em si um processo interligado de autorrepresentação e de autoafirmação. Isso significa que o museu era intimamente restrito à sua autorrepresentação cultural enquanto público. (Frazer Ward, apud SHEIKH, 2009, p. 77)

Dessa forma o museu quando passa a ser aberto e consideração não mais apenas desse público restrito nota-se mais uma mudança em relação a produção de exposições. Sheikh fala que “A produção de exposições marcou não apenas a exibição e a divisão do conhecimento, do poder e da espetacularização, mas também produziu um público” (2009, p.76)

Com essa mudança em relação às coleções que passaram a habitar esses espaços abertos ao público e a se multiplicarem, esses públicos começaram a crescer e a se diversificar. Diante disso, o ensino não formal começou a se estruturar de forma mais efetiva. Mas é apenas no século XX que surge a necessidade de uma figura específica relacionada à educação, e a questão do ensino através da arte nos museus começa a aparecer e, segundo Ana Mae Barbosa (1999), ser colocada no mesmo patamar de importância em relação às exposições e a preservação das obras. Com isso, as instituições começam a cumprir com o seu papel social e passam a se adaptar aos mais diversos públicos. Surge a ideia de “museu para todos” (BEMVENUTI,

2004). Em um breve trecho que Bemvenuti cita Mário Chagas (2002), ela enfatiza a necessidade que a arte tem de um público para a construção do patrimônio cultural. Dessa forma entende-se que

o importante é compreender que uma coisa ou objeto só se transforma em bem cultural quando alguém (indivíduo ou coletivo) por ato de vontade afirma, descreve e garante a sua passagem simbólica para uma nova condição. A constituição do bem cultural implica um processo de atribuição voluntária de significados e valores. (CHAGAS, apud. BEM-VENUTI, 2004, p. 264)

Acrescenta-se a reflexão acima algo importante relacionado ao acesso aos bens culturais, o fato de hoje já está presente até na constituição brasileira. Está no artigo 259 que “[...] o estado garantirá a todos pleno exercício dos direitos culturais e o acesso a fontes a cultura, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão de suas manifestações (BRASIL, 1998).”

Um maior investimento em ações educativas nos museus nasce ainda na arte moderna, quando muitos artistas propõem obras para que o público interaja com elas. E essa relação de educação e museu se fortifica mais ainda com o advento da arte contemporânea, onde o público busca sentido no que vê e muitas vezes não acredita não o encontrar com tanta facilidade. As ações educativas que começam a serem firmadas nos museus são constituídas pela necessidade de aproximar as mais diversas linguagens artísticas que surgiram com a arte moderna e a arte contemporânea não conhecidas ou reconhecidas pelo público.

No Brasil, é na década de 1950 que começa, ainda de forma tímida, o trabalho do arte-educador dentro dos espaços museais do Rio de Janeiro (PINTO, COUTINHO, 2011). Mas é apenas na década de 1980 que se firmam as ações educativas e elas passam a serem vistas como ações realmente importantes dentro das instituições. Alguns exemplos são o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), que desde 1984 possui um setor educativo, e o Museu Lasar Segall que tem uma ação educativa permanente desde 1985.

Atualmente, a maior parte das instituições possui como um de seus eixos a preocupação com a ampliação do público. A preocupação se transforma em ação e isso é possível através das ações educativas. Segundo Laura Dalla Zen, “mais do que o acesso físico ao museu, os sujeitos devem acessar seus códigos, os meandros que o distinguiram, durante muitos anos, como lugar de conservação daquilo que de mais significativo fora produzido pela sociedade.” (DALLA ZEN, 2011, p. 35). Ao longo do

tempo as relações mais próximas firmadas com o público exigiram das instituições que elas se voltassem mais atentamente para a educação do público tanto em relação às obras e aos artistas, quanto dos espaços disponíveis para as exposições. Dessa forma, quanto mais a instituição investe em recursos para aproximar esse público, “mais democrático ele tende a ser.” (DALLA ZEN, 2011, p.36).

Os professores de arte atuantes nas escolas da comunidade onde as instituições estão inseridas são uma parcela do público que é atingido de forma mais efetiva pelas ações educativas. Esse contato pode ser feito através de parcerias como é o caso da Fundação Vera Chaves Barcellos que tem um estreito contato com a Secretaria de Educação da cidade de Viamão/RS. Dessa forma, os professores tem a oportunidade de conhecer um espaço que passa a ser deles e a instituição conhece o público que pode ser o seu mais efetivo.

Feito esse contato, os professores tem a oportunidade de participar de encontros e/ou cursos de formação continuada. Atuando em sala de aula, eles retornam para as práticas na escola com a sua bagagem de conhecimento e repertório ampliados e modificados por tudo que ouviram, trocaram e presenciaram. Além de terem consigo os materiais didáticos, mais uma ferramenta para a sua atuação, que são distribuídos na maioria das instituições.

Os materiais didáticos chegam às instituições como uma forma e uma estratégia a mais para aproximar o público leigo da arte. Apesar de o ensino da arte ainda ser pouco valorizado nas escolas, muitos dos professores atuantes enfrentam a realidade e a falta de interesse tanto por parte dos alunos quanto por parte da escola e buscam se aperfeiçoar. Aliado a isso, os recursos nas escolas também são, muitas vezes, escassos para as aulas de arte. Quando se trata de uma aula de arte (visual), tem-se a necessidade de ter acesso a imagens, por exemplo. Os materiais didáticos surgem também com essa proposta de auxiliar o professor em sua atuação não deixando que a falta de recursos e o descaso seja uma desculpa para não se ter aulas de arte contextualizadas, com imagens, discussões e propostas práticas de qualidade.

Dessa forma, pensa-se nesses materiais, como fontes de informações. Através deles os professores tem acesso a diversos assuntos relacionados as mostras como informações sobre obras e artistas, além do acesso a proposta de atividades que podem ser utilizadas ou adaptadas pelos professores e alunos de acordo com as necessidades do grupo nas práticas em sala de aula.

Materiais didáticos acabam se tornando uma ferramenta para o professor. É atra-

vés dele que novas ideias e propostas surgem. Tendo-o em mãos, ele se torna tanto um material de pesquisa e aprofundamento de questões relacionadas às exposições, aos artistas e relaciona aspectos da história da arte, quanto possibilita através de materiais e mecanismos diferenciados que muitas vezes acompanham as pranchas de leitura de imagens e os textos como lâminas e jogos, o desenvolvimento de atividades práticas e de reflexão com os alunos, possibilitando que eles também utilizem o material.

Segundo Laura Dalla Zen (2011), “os materiais didáticos configuram-se como conteúdos concretos de um tempo e espaços específicos [...]”, mas isso não os inutiliza depois que a exposição encerra. Muitos grupos desses professores que recebem esse material não tem a oportunidade de ir até a exposição. Dessa forma, mesmo que o contato com obras de arte originais seja insubstituível, percebe-se esse material como uma extensão da exposição em questão, pois é através dele que muitas imagens e discussões chegam até as escolas. Outro aspecto importante, e que também foi explicitado por Laura é a relação de acessibilidade que o material educativo produz, pois ele pode “facilitar o encontro entre o público leigo e a obra de arte” (DALLA ZEN, 2011), já que outro ponto que dificulta a proximidade do público com a instituição e às exposições é o difícil acesso aos locais, ou o simples fato de não existirem essas instituições relacionadas diretamente à arte na cidade (como era o caso de Viamão antes da FVCB).

Os materiais, assim, tornam-se aparatos de visibilidade de uma arte que “deve” estar ao alcance de todos. Sua distribuição gratuita pelos museus, muitas vezes paralela à realização de cursos de formação, faz ver o sujeito-professor como um dos responsáveis pelo encontro do grande público leigo (os alunos) com a arte (DALLA ZEN, 2011, p.64).

Pode-se afirmar que os materiais didáticos acabam fazendo com que o público estabeleça uma nova relação com a arte e os espaços expositivos. Eles auxiliam, muitas vezes, o público a desmistificar muitos aspectos relacionados à arte, principalmente a arte contemporânea, pois pode trazer verdades já legitimadas para buscar entender as novas produções. Reflete-se sobre os materiais didáticos, mas tem-se a consciência de que ele não é a única ferramenta utilizada pelas ações educativas para chegar até o público que ainda está distante das instituições. Tudo o que é promovido pelas ações educativas age junto para poder se aproximar do público que se quer atingir e fazer com esse público sintam-se também agente na arte.

2.1.1 Material Pedagógico da FVCB

O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos teve início em 2011 com a segunda exposição realizada na Sala dos Pomares, “Pintura: da matéria à representação”. Durante o ano de 2011 o recém criado setor educativo realizou suas atividades a partir de um projeto piloto e com recursos próprios. No segundo ano de atuação, o Projeto Educativo “Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e a sua contribuição educativa” foi contemplado em edital do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). No ano de 2012, Programa Educativo foi aberto para professores de cidades vizinhas, tais como Gravataí, Cachoeirinha e Alvorada.

Apesar da criação da instituição ter sido criada em 2004, apenas no ano de 2011 foi criado o Programa Educativo e em 2012, foi desenvolvido o primeiro material didático. O material foi produzido para ser distribuído para os professores participantes do Programa Educativo para ser utilizado na escola, em sala de aula com seus alunos. Pode-se dizer que o material didático torna-se uma extensão da exposição. Com ele é possível trabalhar diversas questões em sala aula, além de conseguir realizar diversas atividades relacionadas às obras e aos artistas.

Mas torna-se importante refletir sobre a ação de uma instituição cultural em querer criar um material didático relacionado às suas atividades. Geralmente, e como é o caso da FVCB, os materiais didáticos produzidos são relacionados às exposições realizadas nas instituições. Dessa forma surgem algumas questões como de que forma a arte que está nos museus e que vai ser ensinada está organizada nos materiais didáticos?

E se os materiais vem com a proposta de auxiliar o professor em suas ações em sala de aula, muito do que está presente nas mostras também irá aparecer nas páginas dos materiais didáticos. Isso porque a maioria deles trazem pranchas com reproduções de obras entre outros recursos. Da mesma forma é importante pensar de que forma o professor e/ou o aluno que irá utilizar esse material conseguirá olhar para si e relacionar as inúmeras informações ali presentes com as suas práticas a partir daquele momento. Como esses materiais podem orientar o sujeito a se aproximar da arte?

A partir dessas questões surgem algumas reflexões sobre a produção dos materiais didáticos da FVCB e as mais diversas formas que ele foi pensado para ser utilizado pelo seu público alvo, os professores e os alunos da comunidade onde a instituição

está inserida.

O material que foi produzido para a exposição “Des|Estruturas”, foi constituído por dez fichas de leituras de obras com reproduções fotográficas de um dos trabalhos, uma breve biografia do artista escolhido, um pequeno texto introdutório sugerindo algumas questões para serem discutidas, um desafio que poderia ser feito em sala de aula e palavras-chave que podiam ampliar questões sobre a obra; dois jogos com as obras “Quebra-nuvem”, de Hélio Ferverza e “Combináveis”, de Vera Chaves Barcellos, para serem recortados e utilizados pelos alunos e pelos professores em suas práticas; e um glossário com inúmeras palavras-chave relacionadas aos trabalhos, aos artistas e a diversas questões relacionadas a exposição. Todo o material foi pensado para poder ser utilizado nos diversos níveis de ensino. Além do material impresso também foi entregue aos professores um cd com as imagens e informações de todas as obras presentes na exposição, oportunizando e provocando os professores e alunos a criarem os seus próprios roteiros da exposição.



Figura 2.1: Capa do material didático da exposição “Des|Estruturas”

Para o segundo semestre de atividade do Programa Educativo, foi elaborado um material didático semelhante a partir da exposição “Julio Plaza – construções poéticas”. Para essa exposição foram produzidas seis laminas para leituras de imagem com reprodução fotográfica das obras, desafios para serem utilizados com os alunos em sala de aula, algumas referências com temas ou nomes que surgiram a partir da obra o artista e palavras-chave; partindo da obra “Caixa Preta”², de Julio Plaza, foram

² “[...] obra realizada em 1975 que contém volumes impressos que permitem ao leitor transformá-los

produzidos dois moldes de sólidos construídos pelo artista para serem recortados e trabalhados na escola; um glossário com inúmeras palavras-chave retiradas a partir da obra do artista em questão; e uma breve biografia do artista.



Figura 2.2: Capa do material didático Da exposição “Julio Plaza - Construções Poéticas”

Os materiais didáticos produzidos na FVCB enfocam o processo dos trabalhos dos artistas e abordam questões e desafios (atividades propostas) relacionadas a algumas das obras da exposição além de assuntos diversos através do seu glossário que buscam fazer conexões com elementos, linguagens, outros artistas e períodos da história da arte. Todo esse material é desenvolvido com o objetivo de conseguir atingir os mais variados públicos. Os materiais analisados possuem uma linguagem acessível e podem ser disparadores de inúmeras propostas, para isto basta o professor buscar os melhores elementos para serem desenvolvidos com os alunos.

Torna-se importante ressaltar as partes que compõem os materiais educativos ³. Afinal, são elas que, em um todo, se apresentam como aliadas do professor em sala de aula, que vão além dos encontros e da própria exposição. É interessante notar

em objetos poéticos tridimensionais. Os objetos-poemas que a compõem são os seguintes: Estrutura I, II, III, IV, V; Hexacubos, Excultura Montável, Singspaces.” (KREMER, 2012)

³Coloca-se nessa pesquisa o material didático como uma ferramenta que auxilia o professor em sua atuação em sala de aula, assim como sendo utilizado como forma de pesquisa tanto pelos professores quanto pelos alunos, além do seu poder disparador de atividades e questões para serem discutidas com o grupo. Mas sabe-se que os materiais didáticos não são as únicas ferramentas que o professor utiliza em toda a sua atuação docente. Afinal, formas de pesquisa existem várias e com as novas tecnologias as possibilidades aumentaram. Mas vê-se nessa pesquisa o material didático como uma possibilidade “importante” entre tantas outras, pelo seu custo (muitos são distribuídos gratuitamente), pelo seu tamanho e pelo seu conteúdo.

como uma exposição de arte pode ser levada para fora do espaço expositivo e ser também uma disparadora de questões que se aliam às realidades de quem a tem a oportunidade de visitá-la e levá-la até seu grupo (caso ele não tenha a possibilidade de ir) ou que o próprio grupo estenda as discussões e se aproprie do que viu durante aquele espaço de tempo que passou na exposição.

Como explicitado acima, os materiais educativos são constituídos por diversas partes. Todas elas podem ser utilizadas tanto pelo professor quanto pelo aluno. As fichas de leitura de obras possibilitam (re)ver algumas das obras que estão presentes na mostras. Através delas, mesmo seguindo o tamanho padrão (A4), outros detalhes podem ser observados e outras questões podem surgir, além das inúmeras propostas.



RIERA I ARAGÓ, Avião sobre negro, 2003

SALA DOS POMARES experiências em arte contemporânea e na construção educativa DES | ESTRUTURAS

PALAVRAS-CHAVE figuração – formas básicas – gravura

O trabalho deste artista se caracteriza por uma figuração pessoal de caráter intimista, autobiográfica. Arte e signo. Mais do que representação pura e simples do real, tem motivações estéticas que correspondem à inserção do artista em seu próprio tempo, às escolhas temáticas e aos recursos expressivos dos quais ele se vale. Se analisamos a estrutura do quadro, observamos a organização da superfície da obra pela direção das linhas, e pelos dois pontos de cor vermelha definindo as rodas e o plano amarelo como corpo do avião em contraste com o fundo. O avião sobre o negro da noite? A máquina parece frágil perante a densidade da noite? Soltemos a imaginação!

DESAFIO: Os alunos criarão máquinas e meios de transporte, desenhando, gravando, recortando, colando e usando as formas básicas (plano, linha, ponto, figuras geométricas simples). Converse sobre qual seria o mínimo necessário para representarmos uma imagem.

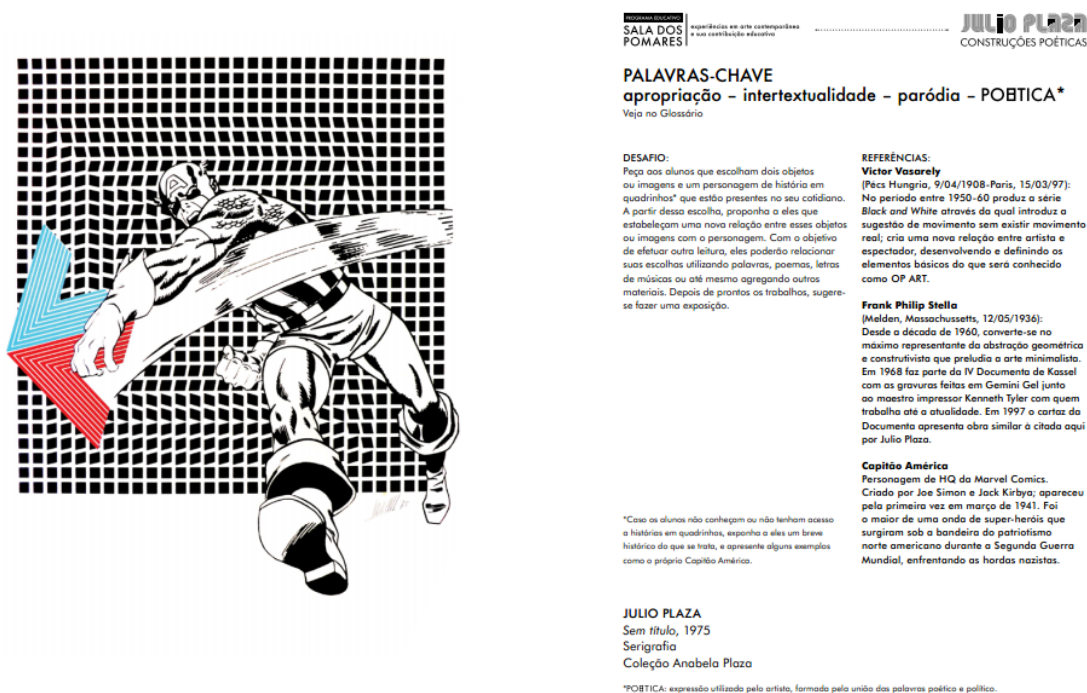
RIERA I ARAGÓ
(Barcelona, Espanha, 1954)
Avião sobre negro, 2003
Gravura em metal, água forte e colagem, 65,6 x 51,5 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA. Estudou na Faculdade de Belas Artes de Barcelona. Ao longo de sua carreira, fez esculturas, pinturas e trabalhos gráficos. Riera i Aragó recorre em seu trabalho um mundo de máquinas e equipamentos (zepelins, aviões e submarinos). Fez diversas exposições individuais, participou de importantes exposições coletivas e está presente em várias coleções de museus. É também autor de grandes esculturas em espaços públicos.

(a) Frente: ficha de leitura de obra

(b) Verso: ficha contendo informações sobre o artista, sobre a obra e o desafio

Figura 2.3: Prancha do material didático “Des|Estruturas”



(a) Frente: ficha de leitura de obra

(b) Verso: ficha contendo informações sobre o artista, sobre a obra e o desafio

Figura 2.4: Prancha do material didático do didático “Julio Plaza – Construções Poéticas”

As biografias dos artistas e as referências relacionadas a sua obra (também expostas nas imagens acima) ajudam o grupo a explorar mais sobre determinado artista, pois abre para a pesquisa de outras obras, além de questões que perpassam sua trajetória levando a conhecer momentos da história da arte e outros artistas que venham a interessar. As palavras chave são disparadoras, com elas podem surgir outras e a partir delas temas e assuntos podem ser agregados às discussões. O glossário traz informações preciosas não apenas relacionadas as obras que estão no material, mas sim relacionadas a toda a exposição. Durante a escolha do tema, escolha das obras, montagem e abertura da mostra ao público, muitas questões surgem proporcionando a construção de várias ligações com os mais diversos temas, artistas, lugares no tempo e no espaço, e o glossário auxilia justamente nessa questão.

GLOSSÁRIO

ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA. Variante da arte abstrata que organiza os elementos formais com base em composições em Suas obras iniciais remontan às vanguardas europeias do início do século XX, tais como o Concretismo Russo, o Bauhaus Suprematismo de Kasimir Malevitch (1878-1925) e o Neoplasticismo (ou De Stijl), de Piet Mondrian (1872-1944) e Theo van Doesburg (1883-1931). Envia em evidência no Brasil durante a década de 1950 por meio do Concretismo.
Ver, em Des - Estruturas: Lygia Clark, Joseph Albers, Nelson Wiegert, Pic Adrian.

ANOTAR. Fazer registros que podem ser tanto escritos quanto falados ou até mesmo imaginados. Em arte, anotações são projetos a serem realizados. São como guias para nos lembrarmos de coisas ou recursos para criarmos situações futuras.

ARQUITETURA. Arte ou técnica de projetar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano. Trata da organização d e de seus elementos. Em última instância, a arquitetura trata com qualquer problema de agenciamento, organização, ordenamento de componentes em situação de arranjo espacial. Associa-se diretamente à organização do homem no principalmente no espaço urbano.
Ver, em Des - Estruturas: Maristela Salvatori.

ARTE ABSTRATA. Em seu sentido mais amplo, esse termo pode ser aplicado a qualquer arte que não represente objetos (como grande parte da arte decorativa, por exemplo). Na história da arte, entretanto, o termo "arte abstrata" está relacionado a formas surgidas no século 19 que abandonaram o tradicional conceito europeu da arte como imitação da natureza. E os artistas dessa corrente foram Wassily Kandinsky (1866-1944), Kasimir Malevitch (1878-1925), Paul Klee (1879-1940) e (1872-1944), que exploraram, em seus trabalhos, elementos como ponto, linha, cor e superfície.
Ver, em Des - Estruturas: Anna Maria Maiolino, Emilio Vedova, Franz, Pic Adrian.

ARTE CONCRETA. Tendência da abstração geométrica que repudia toda referência figurativa e baseia-se somente no geométricas. O termo foi cunhado por Theo van Doesburg (1883-1931), que, em 1930, publicou um manifesto intitulado no qual pregava: "Não há nada mais concreto do que a uma linha, uma cor, um plano". Logo depois, o sujeito Max Bill (1 seguinte às propostas de Doesburg, assim definindo a pintura concreta: "não elimina toda e qualquer representação serve-se exclusivamente dos elementos fundamentais da pintura: a cor e a forma da superfície. Sua essência é, assim, a emancipação de todo modelo natural; criação pura". Na década de 1950, no Brasil, os grupos artísticos Ruptura e Frente em Max Bill, adotaram o termo "Concretismo" para designar uma arte objetiva, abstrata e bastante vinculada às teorias

GLOSSÁRIO

ANARQUITURAS - Nome da série de serigrafias que Julio Plaza produziu em 1969.

APROPRIAÇÃO - É a ato de apropriar-se de imagens ou de objetos já existentes, dando-lhes novas funções e/ou alterando suas possibilidades de significação. No caso de Julio Plaza, são apropriadas imagens oriundas de histórias em quadrinhos misturadas com ícones da História da Arte Moderna, como Vasarely e Marcel Duchamp, propondo sentidos inusitados.

ARTE CONCEITUAL - Termo relativo a diversas formas de arte nas quais a ideia da obra é considerada mais importante que o produto acabado e que, por vezes, nem chega a ser realizado. A noção de "arte conceitual" remonta a Marcel Duchamp e a seus trabalhos já das décadas de 1910 e 1920; entretanto, o compreendido da arte conceitual só se estabeleceu no mundo artístico a partir da década de 1960. A arte conceitual comumente se utiliza de outras formas de expressão, que não as francamente visuais, como a palavra e a música.

ARTE CONSTRUTIVA - É o procedimento, através do qual o artista, partindo das formas abstratas, propõe uma organização e estrutura novas. O significado da obra, portanto, não está em símbolos ou numa natureza narrativa, mas na própria estrutura formal.

ARTE MULTIMÍDIA - Diz-se dos trabalhos que empregam simultaneamente várias formas de expressão, como a escultura e o desenho, a música e a iluminação. Essa tendência se tornou forte a partir da década de 1970. Muitas vezes, esse termoologia é associada à arte que utiliza as novas tecnologias.

ARTE PELO TELEFONE - "Arte pelo telefone; videotexto" é o título da mostra organizada por Julio Plaza no MIS de São Paulo, em 1982. Plaza, junto com os artistas plásticos Carmela Gross, Leon Ferrari, Mário Ramiro, Roberto Sanóval e outros cinco poetas, experimentaram as possibilidades do novo meio. No ano seguinte, no âmbito da Bienal Internacional de São Paulo, o artista voltou a promover o videotexto, reunindo trabalhos de 33 artistas, entre eles Leda Catunda, Sérgio Romagnolo, Ulisses Corrêa, Vera Chaves Barcellos e Jose Wagner Garcia.

ARTE POLÍTICA - A relação entre arte e política é uma constante na arte latino-americana. No início do século XX, por exemplo, artistas como Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros, no México, associaram-se ao projeto de reformas encabeçado pelo novo presidente do país, Álvaro Obregón, e produziram uma arte de viés político e parafatário, que glorificava a história do povo mexicano e a nova situação vivida. Já nas décadas de 1960 e 1970, vários artistas no Brasil, na Argentina e no Chile produziram trabalhos críticos e de denúncia contra os ditadores que assolavam esses países. Julio Plaza também tem trabalhos com conteúdo político, como *La Evolución de la Revolución* (1972) e a instalação "La Diferencia" (1981). É importante lembrar, porém, que a arte também pode ser uma ação política quando, através de seu impacto estético, atrai a percepção daqueles que entram em contato com ela e proporciona outros pontos de vista que podem ser transformadores e mobilizadores. O livro de Plaza *POÉTICA* (1969/1977), por exemplo, apresenta apenas dois tipos de ícones: mapas de países e continentes, e uma pictografia de um cadeado que, visto de ponto cabeça, é um espacete. Há, portanto, um claro aspecto político nessa proposta.

ARTE POSTAL (MAIL ART) ou ARTE CORREIO - São assim denominados os trabalhos que, para existirem como tal, necessitam ser enviados pelo correio ou por sistema semelhante de entregas, explorando a possibilidade de atingir o público nas distâncias mais remotas. Nesse aspecto, é compatível à fax art e à web art, todas partilhando os princípios da arte conceitual. A denominação se aplica tanto ao processo, como às obras em si.

(a) "Des|Estruturas"

(b) "Julio Plaza – Construções Poéticas"

Figura 2.5: Início do glossário de cada um dos materiais analisados

Os desafios (já exibidos em imagens anteriores), os jogos e as reproduções montáveis das obras também acrescentam nas dinâmicas em sala de aula. A partir deles o aluno e até mesmo o professor é convidado a interagir de outra forma com as obras. Os desafios podem ser utilizados para trabalhar as diversas questões que surgem a partir das obras. Os jogos, feitos a partir de algumas obras, sugerem uma interação do espectador e são levados para a sala de aula para que essa interação ocorra, diferente das reproduções montáveis de outras obras que igualmente sugerem a interação do espectador mas na intenção de ser uma obra aberta ⁴ e fazer com que o próprio sujeito descubra novas formas para aquela obra. Os materiais didáticos ainda apresentam textos introdutórios que trazem informações sobre a própria instituição, sobre a mostra em questão além de informações sobre o próprio material didático.

⁴Obra aberta: aquela em está aberta a participação do público, obra aberta aos mais diversos modos de se apresentar ou as mais diversas interpretação. Vêem-se essas características, por exemplo, nas obras da artista Lygia Clark (anexo 3.4).

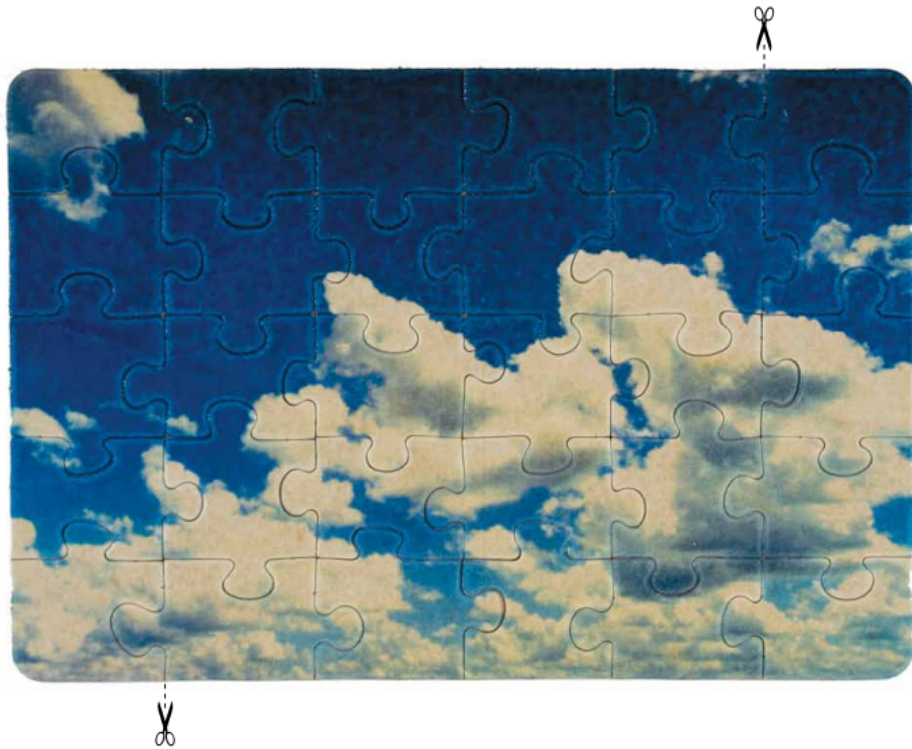
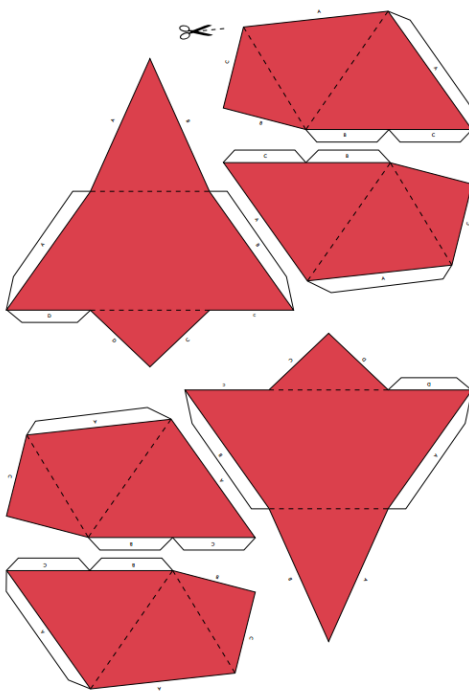


Figura 2.6: Jogo feito a partir da obra “Quebra-nuvem”, 1999, de Helio Ferverza



(a) Reprodução montável da obra

SALA DOS POMARES experiências em arte contemporânea e na construção educativa

JULIO PLAZA
CONSTRUÇÕES POÉTICAS

PALAVRAS-CHAVE
arte abstrata – escultura – formas básicas

Veja no Glossário

DESAFIO:
Esse material possui um molde ao qual os alunos poderão utilizar para construção de esculturas variadas. Peça aos alunos para recortar e colar as peças. As peças permitem mais de uma opção de montagem. Proponha a discussão das diferentes possibilidades dos objetos poéticos tridimensionais.
E, posteriormente, leve os alunos à construção e ao desenho de outras possíveis esculturas.

REFERÊNCIAS:
Augusto de Campos (São Paulo, SP – 1931). Poeta, tradutor e ensaísta, formado em direito pela Universidade de São Paulo. Tem seus primeiros poemas e traduções publicados no final dos anos 1940, em periódicos como a *Revista de Novíssimos*. *Forma*, juntamente com seu irmão, Haroldo de Campos, e Decio Pignatari o grupo Noigandres, em 1952. Com o grupo, faz várias publicações, entre elas, em 1955, a série de poemas em cores *poetamenos*, considerada o marco da poesia concreta no Brasil. Sua obra caracteriza-se, desde o início, pela exploração de vários meios e técnicas. Em parceria com Julio Plaza produziu obras importantes como *a Caixa Preta* (1975) e *POEMOBILES* (1974), coleções de poemas objetos.

JULIO PLAZA
Escultura montável, 1967
Da Caixa Preta, 1975
Offset
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

(b) Ficha com informações da obra

Figura 2.7: Pranchas referentes à obra “Escultura Montável”, 1967, do artista Julio Plaza, presentes no material didático.

Outra questão importante de ser abordada a partir dos materiais didáticos é a capacidade de fazer relações com outras áreas do conhecimento, a questão da interdisciplinaridade. Muitos artistas e muitas obras trazem consigo em seus processos inúmeros materiais, modos de fazer e referências das mais diversas áreas como poesia, matemática e literatura. Esse fator é relevante, principalmente no caso da Fundação Vera Chaves Barcellos, pelo fato de os professores participantes do Programa Educativo serem, em sua maioria, formados em outras áreas do conhecimento. A partir disso, a segurança em ministrar aulas de arte, como já foi explicitado em tópicos anteriores, também se relaciona com a abordagem interdisciplinar que a arte, as obras, os artistas, as exposições e os materiais didáticos possibilitam.

SALA DOS POMARES | separações em arte contemporânea e sua contribuição educativa

DES | ESTRUTURAS

PALAVRAS-CHAVE
cor - desordem - estrutura - figuração - jogo - pintura



LENIR DE MIRANDA, *Íthaca*, da série *Ulisses/Joyce*, 1986

Lenir de Miranda tem pautado sua obra recente nos textos em torno do lendário herói grego Ulisses. Ora revisitando o épico de Homero, ora mergulhando no texto de James Joyce, o artista tem explorado múltiplas facetas do personagem: sua tortuosa travessia pelo Mar Egeu, buscando retornar a Íthaca, sua ilha natal; o sentimento de nostalgia (nostalgia) que marca essa jornada; a ideia de passagem de tempo por três desse percurso. Ulisses, personagem emblemática da literatura ocidental, é o mote constante de Lenir que, nesta obra, *Íthaca*, nos oferece uma possibilidade de revivermos o mito, sermos o próprio herói, escolhendo o caminho. A obra consta de 134 partes autônomas e diferentes, o que permite analisar as diferentes formas de suporte, meios e motivos para apresentar/exibir a obra; a aproximação entre as artes plásticas e as outras artes, como a literatura e o teatro. Na instalação, não há uma ordem pré-estabelecida; o tempo e o espaço são elementos constituintes da obra.

LENIR DE MIRANDA
(Pedro Osório, RS, Brasil, 1945)
Íthaca, da série *Ulisses/Joyce*, 1986
Tinta acrílica sobre cartão, 134 módulos, 170 x 440 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: É graduada em pintura pela Escola de Belas Artes de Pelotas, RS (1967), em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (1975), e Mestre em Poéticas Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (2003). Em 1989, foi artista e professora visitante da School of Art and Design, Sunderland Polytechnic, Inglaterra. Trabalha com pintura, desenho, imagens digitalizadas, vídeo, poemas, livros-de-artista e instalação. Ganhou vários prêmios de pintura e desenho no Brasil. Participou de diversas exposições coletivas e individuais e possui obras em acervos públicos, no Brasil e no exterior.

DESAFIO: Escolha um colega de seu grupo. Se pudesse descrevê-lo como uma música, qual seria? E se fosse um filme, uma comédia, um poema, um lugar ou um personagem de histórias em quadrinhos? Compartilhe suas ideias com os participantes e imagine como seria possível juntar todos esses elementos em uma obra de arte.

Figura 2.8: Obra “Íthaca”, 1986, da artista Lenir de Miranda A artista estabelece relação com a literatura, que percorre todo o seu trabalho

Pensa-se por fim com Laura Dalla Zen (2011) na organização dos materiais didáticos e em suas funções principais. Uma delas está relacionada ao objetivo de auxiliar o professor, justificando através do conteúdo exposto no material diversas relações, entre elas fazer com que se torne “justificável a relação entre a obra e as experiências pessoais do artistas”, desmistificando a figura do artista e também as obras. Outra função encontrada “diz respeito à contundente definição do museu como instituição educativa”, pois é através dos materiais e dos professores que a instituição, a exposição, os artistas e as obras saem daquele espaço destinado a elas e ganham outras

moradas.

2.1.2 Material didático e o professor

Os professores de arte que buscam formações continuadas ou cursos, palestras e seminários (entre outros eventos relacionados à arte) são professores interessados tanto na sua formação quanto na sua prática docente. Mais do que se interessar por livros ou pesquisas na internet, eles buscam exposições e eventos relacionados à arte para estar sempre “por dentro” do que acontece na sua cidade, ou perto dela. Sabe-se que as condições de trabalho dos professores em geral são precárias em sua maioria: muitas horas de trabalho, excesso de turmas e de alunos por turma e, além do trabalho realizado na escola e com os alunos, muitas atividades são realizadas em casa.

Como visto anteriormente, muitos professores de arte não tem a formação na área. Mas assim como os professores com formação, muitos buscam a troca de experiências nos mais variados eventos relacionados à educação e a arte. Eles também sentem a necessidade desse contato, pois a insegurança é constante na hora de encarar seus alunos em uma aula de arte. Dessa forma, mostra-se ser importante acompanhar alguns casos e ver de que forma encontros direcionados a professores auxiliam na sua formação e na sua prática. Da mesma forma, torna-se relevante também saber como os alunos são atingidos.

Diante das muitas dificuldades que os professores enfrentam, eles sentem a necessidade de aprender cada vez mais e ampliar seus conhecimentos para acrescentar em suas ações. Dessa forma, muitos professores dispõem dos seus fins de semana e suas horas vagas para frequentarem encontros direcionados a eles. A partir disso, vê-se a importância desses encontros, pois é através deles que muitos docentes tem seus primeiros contatos com a arte. Pablo Helguera estabelece uma relação de tempo. No caso dos professores trata-se de um investimento no tempo. Acrescenta-se aqui não apenas o tempo de se dispor a deixar de lado outras atividades para ir a formações continuadas, mas também o tempo que cada educador investe na hora da pesquisa e da produção. Professores de arte são pesquisadores e artistas, pois é preciso pesquisa, leitura e prática antes, durante e depois de se estar em sala de aula com os alunos.

Se há algo em comum em toda abordagem pedagógica, esse é a necessidade de investir tempo para alcançar um objetivo. Algumas metas educacionais simplesmente não podem ser alcançadas caso não se

pretenda investir tempo: você não consegue aprender um idioma em um dia; você não consegue se tornar um especialista em artes marciais em um workshop no final de semana. De acordo com Malcolm Gladwell, leva cerca de 10 mil horas para alguém se tornar especialista em qualquer coisa. (HELGUERA, 2009, p.42)

A busca pelas ações educativas é uma busca por troca de saberes. É interessante perceber que a procura por esses encontros tem aumentado. Os professores atuantes e que estão interessados no que ensinam e no que trocam com seus alunos buscam ampliar seus conhecimentos, saber o que acontece, levam ou tentam organizar visitas a exposições para suas turmas, além de estarem preocupados com que suas aulas façam sentido e que abordem a realidade desse aluno que pensa e faz “milhões de coisas” ao mesmo tempo. Camila Göttems, em seu trabalho de conclusão de curso, fala desse professor que está preocupado com a sua prática e que busca fazer com que suas aulas se tronem espaços de experiências para seus alunos. Segundo ela,

ao professor cabe o exercício de uma postura que vai além da de educador, mas também inclui o pesquisador e o artista, utilizando as suas experiências já vividas para poder propor experiências educativas transformadoras aos seus alunos. Ocorre de certo modo, uma troca entre o aluno e o professor, uma relação de ensino-aprendizagem. (GÖTTEMS, 2011, p.35)

Ou seja, em todo esse processo, o professor ao mesmo tempo em que ensina, aprende e o aluno ao mesmo tempo em que aprende também acaba ensinando. Os professores pesquisadores e artistas estão se formando ou buscando uma formação através dessas trocas e dessa relação que estabelecem com as ações educativas. Eles crescem e a sua prática vai se tornando mais significativa e consistente. Com Helguera pensa-se essa formação de público através da prática do professor. O professor pesquisa, pratica e busca porque tem um público que ele quer que seja atingido não superficialmente, mas profundamente através das suas ações e provocações. O professor sabe que todas as suas palavras e expressões chegam de alguma forma em seus alunos e com isso o seu grupo vai criando uma identidade e se formando através das suas próprias ideias. Cabe a esse professor buscar a melhor forma e saber utilizar tudo o que é visto e o que é disponibilizado a ele em sala de aula, para que esse grupo se desestabilize e esteja em constante mudança e em constantes questionamentos. Segundo Helguera,

Nós construímos porque buscamos alcançar os outros, e eles virão porque se reconhecem naquilo que construímos. Após a interação inicial, os espaços iniciam um processo de autoidentificação, propriedade

e evolução baseado nos interesses e nas ideias do grupo. Estes não são espaços estáticos para observadores estáticos, mas comunidades sempre em constante evolução em crescimento ou em decomposição que se constroem, desenvolvem e, finalmente, se desmancham. (HELGUERA, 2009, p. 43)

As ações educativas, organizadas por instituições culturais, além de promoverem o encontro entre professores e oportunizar o diálogo e a troca entre eles, a exposição, curadores, artistas e demais envolvidos, oportunizam, através, na maioria das vezes, de um material didático, que ele consiga estender a exposição até a sua sala de aula levando reproduções de obras e demais discussões através de breves textos e glossários. Os materiais didáticos, quando utilizados pelos professores que o recebem, tem forte ligação com sua prática docente. Esses materiais auxiliam o professor de diversas formas e muitas questões surgem a partir da análise dessa ligação dos docentes com materiais didáticos.

Os materiais que são distribuídos nas instituições culturais são destinados tanto aos professores quanto aos alunos. É através dos materiais didáticos que os professores são auxiliados na sua prática, pois eles também “ensinam modos de lidar com a arte” (DALLA ZEN, 2011) através dos conteúdos e imagens que são expostos. Objetiva-se que os professores possam ampliar suas ações em sala de aula explorando as obras e ampliando as possibilidades com seus alunos. Segundo Laura Dalla Zen, 2011, nos materiais didáticos “a arte e a exposição aparecem como conteúdos escolares, cujas possibilidades didáticas não só podem como devem ser exploradas”. Mas “compete aos educadores que levam seus alunos aos museus estender em oficinas, ateliês e salas de aula o que foi aprendido e apreendido no museu” (BARBOSA, 2009, p.14).

Como visto acima, de fato os materiais didáticos auxiliam na prática docente. Segundo a pesquisa realizada com 10 professores (e que será analisada mais detalhadamente no capítulo 3), os materiais entraram no dia a dia dos professores principalmente como fonte de pesquisa. Segundo relatos, esses materiais auxiliam na hora de prepararem as aulas e principalmente durante as aulas, onde os professores tem em mãos imagens que podem ser expostas e analisadas também pelos alunos.



Figura 2.9: Professoras recebendo o material didático "Des|Estruturas"
Foto: Ana Paula Meura

Os materiais didáticos, em sua maioria, são em formato A4. Formato que facilita o transporte e a utilização em sala de aula. Geralmente as instituições produzem materiais compostos por várias pranchas com reproduções de obras presentes nas mostras, biografia do(s) artista(s), glossário com palavras que auxiliam na pesquisa e reflexão acerca da exposição, propostas de atividades, palavras chave e alguns ainda trazem outros mecanismos que auxiliam nas práticas em sala de aula como reproduções montáveis de obras, jogos, laminas, entre outros objetos feitos a partir da mostra em questão. Todo esse trabalho é distribuído aos professores com a proposta de auxiliá-lo em sua atuação não deixando que a falta de recursos e o descaso seja uma desculpa para não se ter aulas de arte contextualizadas, com imagens, discussões e propostas práticas de qualidade.



Figura 2.10: Professores recebendo o material didático "Julio Plaza - Construções Poéticas"
Foto: Ana Paula Meura

Acima foi explicitado que os professores aderem aos materiais didáticos principalmente como forma de pesquisa. Ao acompanhar um pouco da realidade dos professores através dos encontros do programa educativo e da atuação como professora vê-se a dificuldade que muitos docentes encontram em relação ao acesso a e-mails e internet em geral para as mais diversas atividades. Percebeu-se isso através de relatos relacionados às muitas horas de trabalho e a falta de recursos e tempo na escola para essas atividades.

O material ajuda e muito o professor como forma de pesquisa e auxílio nas aulas de arte. Porém, eles encontram diversas dificuldades. Uma delas está relacionada à dificuldade de adaptar os conteúdos e o próprio material a faixas etárias dos seus alunos. Muitos dos professores são de outras áreas do conhecimento e outra parcela está ligada aos anos iniciais. Quando eles se deparam com um novo universo para ser trabalhado e abordado em sala de aula as primeiras reações são a de extrema ansiedade e dúvida do que pode ser abordado com seus alunos. Eles, ao mesmo tempo em que recuperam a segurança para encarar aulas de arte deixando de lado datas comemorativas e decorações para escola, sentem-se novamente talvez não inseguros, mas com muitas dúvidas na hora de organizar o que vai ser abordado em sala de aula. Nesses casos pensa-se novamente na questão da experiência. Tanto para

o professor quanto para os alunos irão ocorrer mudanças nas aulas de arte. E tanto o professor quando os alunos precisam estar abertos a essas mudanças e aproveitar para terem novas vivências com arte na escola e, por que não, nos museus e demais instituições culturais. Muito dessas novas situações e aproximações irão depender dos professores para que aconteçam.

A experiência está ligada à prática docente e a reflexão disso nos alunos. Ao mesmo tempo em que o professor é criador de formas de abordagem, que podem ser relacionadas aos materiais didáticos que já oferecem subsídios para tal criação e/ou adaptação, ele também se torna um propositor de novas dinâmicas. Durante as práticas em sala de aula, a questão da experiência já observada acima, pode ser um dos meios de aproximação com os conteúdos a serem abordados. Mas é tarefa do professor buscar mecanismos para a melhor abordagem e isso pode ser feito através de jogos, dinâmicas e a produção/utilização de materiais didáticos

Apesar de muitas serem as vantagens dos materiais educativos essas dificuldades apontadas anteriormente fazem parte desse processo pelo qual muitos professores começam a passar. Porém, mais algumas questões acompanham os docentes. Questões que para quem está em contato mais direto com a arte, nem percebe por entender que ensinar arte na escola é muito mais fazer perguntas do que encontrar respostas. Outra dificuldade apontada por alguns professores foi justamente isso: relatam que nos primeiros contatos com os materiais, ele continha poucos elementos para responder as questões dos alunos na hora de compartilhar os recursos. Isso mostra que um processo está se iniciando. É preciso entender que muitas das “respostas” vão ser encontradas apenas na prática, além de perceber que muitas dessas questões vêm dos alunos, em uma construção de conhecimento em grupo. Essa dificuldade apenas se esgotará com o tempo, quando se adquirir a noção de quanto mais perguntas, mais interessante são as discussões, além de estar atento para o que alunos trazem consigo em sua bagagem deixando com isso também seja um ponto alto nas aulas de arte. Tudo muito diferente das ainda práticas relacionadas a decoração e cartões de datas festivas e a uma sala de aula onde apenas o professor pode falar e é detentor de um verdade apenas.

O interessante é perceber que essa insegurança que o professore ainda possui e carrega consigo, na maioria das vezes, nem é percebida pelos alunos. Para eles tudo é novo e eles se interessam pelo que está sendo apresentado, pois a maioria deles sempre esteve em aulas de arte dadas de forma tradicional. Segundo os relatos, os

alunos aderem bem as novas dinâmicas e a tudo o que é novo. Dessa forma, surgem novas discussões e novos encaminhamentos para os trabalhos realmente significativos.

2.1.3 Material didático e o aluno

Para iniciar o pensamento que perpassa a relação do aluno com os materiais didáticos busca-se o pensamento de Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Telles onde elas enfatizam a importância da arte na vida de todo e qualquer ser humano, pois é o próprio ser humano que a produz. E é partindo desse pensamento que se enfatiza também a importância do aluno se perceber no mundo como agente criador, crítico e pensante. A importância, não só do ensino da arte na escola, está justamente nesse papel de provocar o educando com o objetivo de desestabilizá-lo e o fazer pensar no seu cotidiano e na vida como um todo. Afinal é a própria vida, o cotidiano que vem sendo apresentada não só através da arte visual como também nas mais diversas áreas do conhecimento. Segundo as autoras,

a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (MARTINS, PICOSQUE e TELLES, 1998, p. 13).

O ser humano é um sujeito de experiências. Durante o período que passa na escola, muitas experiências acontecem com esse sujeito que está aberto a mudanças para daí sim construir um aprendizado com seus colegas e professores. Mas só a escola nos moldes atuais já não se mostra mais suficiente para proporcionar experiências ao educandos. Os alunos de hoje nascem conectados e recebem muitas informações a todo o momento, e cabe ao professor saber aliar tudo isso a seu favor assim como estar “antenado” para as novas descobertas dos alunos e no que isso pode contribuir com as discussões em sala de aula. Ou seja, fazer com que esse cotidiano do seu aluno faça parte das aulas oportunizando um aprendizado significativo (para alunos e para o próprio professor) a partir de experiências já vividas ou conhecidas por ambos os lados. Dessa forma, o “conhecimento adquirido não se reduz às informações” (GÖTTEMS, 2011) e é sim uma construção e ampliação de conhecimentos. Larrosa diferencia em sua fala informação de experiência. Tal ênfase torna-se importante para a discussão.

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. (LARROSA, 2002, p. 21)

Ao lembrar que experiência é o que nos passa, o que nos acontece, segundo as palavras de Larrosa, tal ênfase exposta acima se torna importante para a discussão. Ao abordar a questão de passar por experiências ou situações de aprendizagem fora do espaço formal de ensino (a escola), fala-se dos mais variados espaços. A praça, a rua onde mora, a igreja da cidade, entre outros espaços onde o diálogo e as mais diversas experiências podem ser trocadas além do conhecimento através de determinadas informações. Citando Fletcher, 2009, em seu texto “Algumas ideias sobre educação”, onde ele narra varias situações que, durante sua vida, oportunizou ou passou por situações de aprendizagem que não foram exatamente relacionadas a livros ou leituras específicas e sim, ligadas a experiências que um ser humano pode passar. O autor nos coloca em uma de suas falas sobre as aulas de um determinado professor que fez uma proposta diferenciada em suas aulas. Ao concluir sua fala ele comenta que “lembro frequentemente daquela disciplina, mas todas as outras, com suas provas, trabalhos e debates, foram esquecidas há muito tempo.” (FLETCHER, 2009).

Dessa forma e voltando-se para o foco da pesquisa, pensa-se que um dos espaços que estão sendo aderidos pelos professores são os museus de arte ou os espaços que abrigam arte. O professor ao preparar suas aulas tem pensado em como abordar em sala de aula tudo o que pode envolver seus alunos em situações de ensino aprendizagem. Não quer dizer que apenas levar em consideração o que os alunos trazem consigo seja o ideal. Mas relacionar o que os alunos têm com os mais variados assuntos relacionados à arte. Fazer com eles conheçam espaços direcionados a arte e faze-los ter esse contato com obras de arte e com artistas (quando possível)

é fazer com ele conheça outros lugares, artistas e o contexto no qual ele está ou já esteve inserido. Para tanto os professores buscam encontros para professores para se preparar para se organizar essas atividades.

Ao receberem nesses encontros materiais didáticos objetiva-se que eles sejam utilizados também pelos alunos. O material geralmente tenta dirigir para o diálogo e a associação da obra e da exposição às experiências do grupo, dessa forma ele propõe ativar no cotidiano a capacidade crítica e a criticidade. Os materiais que propõe atividades tentam colocar os agentes sempre como protagonistas, dessa forma observa-se que as atividades não são fechadas, elas podem sugerir novas ações para o professor, assim como serem modificadas pelos alunos durante o processo. Além disso, as atividades propostas tanto a partir das leituras de imagens, quanto desdobramentos acerca das obras permite ou instiga o aluno a experimentar os mais diversos materiais. E não se pensa em materiais caros ou de difícil aquisição, e sim em materiais que os alunos têm todos os dias ao seu redor como o próprio giz de quadro como uma possibilidade.

O professor ao ouvir seu aluno e propor atividades que o instigue faz com que ocorra uma valorização da experiência pessoal (ao utilizar elementos do seu dia a dia) e sua posterior conexão com o universo artístico produz um sujeito que age, cria e seja crítico diante do que faz e observa. Com as imagens em mãos, por exemplo, os alunos podem criar a sua própria exposição, fazendo a sua curadoria das obras, o que faz com eles percebam o seu potencial criador. Além das atividades e imagens disponibilizadas aos professores e utilizadas por eles e seus alunos, outros elementos entram nas ações em sala de aula como o glossário e demais objetos criados a partir de elementos que vem da exposição. O glossário auxilia muito o professor, mas nada impede o acesso dos alunos a essa ferramenta, pois além de serem estimulados a pensar junto com o docente determinados termos utilizados por artistas ou termos que surgem a partir da mostra, os próprios alunos podem ter seus novos vocábulos que acrescentariam a lista oficial disponibilizada.

Para muitos alunos materiais como os materiais didáticos feitos por instituições culturais são completamente novos no dia a dia escolar. Os alunos estão acostumados com os grandes livros didáticos fornecidos ou solicitados pela escola. Dessa forma, um material que exige a participação mais ativa desse espectador é algo novo e chama atenção dos alunos pelo seu formato, pelos conteúdos e pelas propostas que surgem com o auxílio dele e das pesquisas do seu professor.

Faz-se então uma reflexão acerca dos alunos que, por mais que não deixem transparecer, gostam de serem provocados e instigados, além de serem ouvidos. Dessa forma o professor consegue atingir positivamente seus alunos, pois não leva para a sala de aula ou não os leva para lugares em que não ocorrerá um aprendizado significativo e longe do que seus alunos estão vivenciando. Scatolini fala desse professor/pesquisador/artista que realmente se preocupa com a formação de seus alunos:

É certo que para o educador, arte/educador ou artista/educador conseguir que a arte contribua com a formação de sujeitos críticos, participantes, sensíveis e comprometidos será necessário fazer da obra de arte – textos semióticos – meios de problematização e, assim, não incorrer no risco de fazer do ensino da arte mais uma reprodução ou repasse de conhecimentos prontos e acabados. (SCATOLINI, 2009, p.67)

Acredita-se que encontrar meios de atingir esse aluno que está aberto a mudanças e disposto a vivenciar novas propostas é o caminho (talvez) certo para deixar de lado as tradicionais aulas de arte com, entre outras coisas, reproduções descontextualizadas de obras.

3 *Análise das entrevistas: a palavra do professor e sua experiência*

Para que a pesquisa realmente tivesse resultados e conclusões mais objetivas relacionadas ao uso e a apropriação do público, professores e alunos, dos materiais didáticos distribuídos e conteúdos abordados durante os encontros do Programa Educativo da FVCB em 2012, foi realizada um questionário (anexo 2) direcionado a essas questões. Para poder refletir e chegar a algumas conclusões serão aqui relatados dois pontos: o primeiro está relacionado às respostas obtidas com o questionário entregue a 10 professores participantes do Programa Educativo e que se disponibilizaram a participar da pesquisa; e no segundo ponto será abordada a minha própria experiência como professora em uma escola estadual da cidade de Viamão, onde tive a oportunidade de utilizar e planejar aulas com o auxílio do material didático, além de conseguir organizar uma visita de uma das turmas à exposição “Julio Plaza – Construções Poéticas”.

3.1 Primeiro ponto: a palavra do professor

Para iniciar a reflexão sobre o que foi desenvolvido pelos professores nos questionários, faz-se primeiro um perfil relacionado a questões mais práticas da vida docente e alguns hábitos desse pequeno grupo que fez parte da pesquisa. Dessa forma, tem-se uma visão geral desse grupo de professoras. Considerando, novamente, que a pesquisa foi realizada com 10 professoras.

Esse foi grupo, a meu ver, homogêneo. A maioria das professoras (7) trabalha com os anos iniciais do ensino fundamental. Algumas, além dos anos iniciais ainda são responsáveis por outras disciplinas na(s) escola(s) onde trabalham. Esse fato é

relevante, pois elas relatam que estão ministrando aulas em outras áreas do conhecimento pela falta de professores para ocuparem essas vagas ou fechar a sua carga horária. Entre as dez professoras, três têm formação específica em mais de uma área já concluída, duas estão cursando artes visuais e outras duas possuem formação na área de arte. Por fim, a maioria (8) das professoras trabalha em escolas municipais, sendo que o restante leciona em escolas estaduais ministrando também aulas para o ensino médio.

Passadas essas questões mais objetivas chega-se a outras relacionadas a atuação como professoras de arte e participantes da ação educativa desenvolvida pelo Programa Educativo da FVCB. Poucas relataram o que as levou ministrar aulas de arte na escola onde trabalham. Mas as que responderam relatam que assumiram o cargo por falta de professor, ou por serem professoras dos anos iniciais e já serem unidocentes. Por fim, as com formação específica na área de arte relataram que o seu interesse surgiu desde cedo pelo contato com trabalhos manuais e/ou interesse pela história da arte. Dessa forma, o que as motiva, principalmente, a buscar por encontros para professores é justamente a vontade de conseguir encarar a disciplina e ministrar suas aulas com mais segurança e tranquilidade como acontece com a disciplina em que ela já possui a formação. Porém, as professoras de arte com formação buscam essas atividades para realmente estar mais perto de exposições, obras e artistas, além do contato com as próprias colegas a fim de terem um momento de troca de experiências.

O mais significativo é a troca de experiências com pessoas diferentes, com culturas diferentes, com realidades diferentes de outras áreas do conhecimento diferente da minha (arte)” (Professora Dóris Wolff – EEEM Setembrina, Viamão, RS)¹

Às professoras foi-lhes solicitado que descrevessem seu ambiente de trabalho com arte. Dentre as respostas podemos dividi-las em três grupos: o ambiente adequado, a sala de aula comum e o ambiente precário.

Uma das professoras relatou que na sua escola o ambiente é adequado com pias, mesas diferentes das da sala de aula comum e a escola colabora com as aulas de arte no que diz respeito aos materiais. A maioria das professoras (8) alegou que tem apenas a sala de aula normal para trabalhar arte com seus alunos, diante disso, muitas adaptam o espaço ou levam seus alunos para o pátio ou outros ambientes da escola

¹ Trechos retirados dos questionários respondidos pelas professoras e autorizados a serem publicados na pesquisa.

que estejam disponíveis. Nesses mesmos casos a questão dos materiais é complicada. A escola tem alguns materiais básicos e, em alguns casos, fornece outros, ou ainda as professoras solicitam para que os alunos providenciem alguns materiais para realizar determinadas atividades. Por fim, uma das professoras relata o estado precário da escola onde atua. Nesse caso a professora afirma que não via potencialidades criadoras naquele ambiente, pois além falta de apoio e organização, a falta de interesse por parte dos alunos também a incomodava. Mas, apesar das dificuldades, essa última professora enfrentou o desafio e conseguiu ver alguns resultados positivos em relação as suas atividades com arte na escola, tais como a volta do interesse de alguns alunos e a sua própria superação em conseguir lidar com as mais diversas situações e construir uma prática de aprendizagem significativa.

Além dessas diferenças relacionadas ao ambiente e a disponibilidade de materiais, todas tem algo em comum, elas buscam sempre reutilizar materiais, o que é um ponto positivo, pois dessa forma não apenas os alunos são desafiados, as professoras também são por ter que elaborar maneiras dessas práticas acontecerem. Outro ponto importante que se pode acrescentar a importância de se reutilizar materiais é variedade de experiências e experimentos que podem ser provocados. Abaixo, um breve relato sobre como eram as aulas de arte ministrada por uma das professoras:

Antes de participar dos encontros do Programa Educativo, eu trabalhava com folha com desenho pronto para os alunos colorirem, ou entregava uma folha em branco e solicitava um desenho livre. Hoje, não faço mais estas ações, pois sempre tenho um projeto a ser realizado onde cada encontro tem um objetivo a ser atingido. Os alunos se mostram mais interessados agora... (professora Neuza Janete Santos da Rocha – EMEF Amador Nunes da Rocha, Viamão/RS)

Em outros tópicos abordados no texto muito já se refletiu sobre os encontros do Programa Educativo da FVCB e a sua contribuição na formação continuada das professoras de arte. Anteriormente, elas já haviam relatado sobre as mudanças que perceberam em suas práticas e nas práticas dos seus alunos. Afirmam perceber que a arte não é tão complexa e que está a sua volta, no seu dia a dia. Além de colocarem que a partir do maior interesse que elas construíram pela arte, seus alunos também foram, aos poucos, percebendo que a arte não se limita a desenhos prontos para eles pintarem e passaram a refletir através do que foi levado até eles pela professora. Tanto as professoras quanto os alunos valorizam mais o tempo das aulas de arte e os trabalhos que são realizados. Para os alunos, o momento da visita à exposição

também é muito significativo, pois se possibilita o contato direto com as obras, desmistificando tanto arte como os próprios artistas que mesmo não estando presentes naquele momento os alunos passam ter a consciência de que eles não estão mortos.

Chegando ao ponto principal da pesquisa, os conteúdos abordados nos encontros e os materiais distribuídos, as respostas obtidas foram um tanto heterogêneas. Enquanto algumas professoras afirmaram terem utilizado o material, lido todo ele e desenvolvido atividades, uma delas não se aproximou em nenhum momento do material didático. Algumas professoras também apresentaram algumas dificuldades na hora de utilizar, mas todas que utilizaram de alguma forma afirmam que os materiais direcionados a práticas e reflexões em sala de aula são realmente aliados do professor na hora do planejamento.

As professoras foram questionadas sobre as suas práticas em relação ao uso dos mais diversos meios que utilizam para pesquisa. Diante de tudo que já foi explicitado anteriormente coloca-se a ida às exposições de arte como uma das formas de ampliação de conhecimento e desenvolvimento de práticas para atuação em sala de aula. Dentre todos os meios de pesquisa, livros, jornais e internet estão presentes em todas as respostas. A partir do momento em que aparecem os materiais didáticos eles também se tornam uma fonte de pesquisa. Em compensação a visita a exposições de arte não é algo tão frequente. Com exceção de duas professoras que relatam irem pelo menos uma vez por mês (as que tem formação em arte) as outras comentam que costumam ir a cada seis meses, ou seja, a cada edição do Programa Educativo e mostra na Sala dos Pomares. Esse fato talvez seja positivo considerando que elas tinham pouco ou nenhum contato com a arte e a partir de agora possuíam um espaço mais próximo e com possibilidades para toda a comunidade.

A questão dos materiais didáticos é importante, pois se percebeu com essa pesquisa o valor que eles possuem tanto para as professoras quanto para alguns grupos de alunos. Segundo os relatos eles realmente foram utilizados pelas professoras e alguns pelos alunos. Abaixo um breve relato de uma das professoras sobre aos materiais.

Quando ganho materiais, principalmente na minha área (que são raros) é como ganhar um presente, aí então cuido com muito carinho e procuro usá-lo para enriquecer o meu planejamento. (Professora Dóris Wolff – EEEM Setembrina, Viamão, RS)

A preocupação que se tinha era se os professores realmente iriam utilizar esses

materiais e não deixá-los guardados apenas para breves pesquisas, sem um contato mais efetivo com a sala de aula. E de fato foi o que ocorreu em um caso. Mas as professoras utilizaram os materiais para as mais diversas atividades. Segundo elas, o material ajudou no planejamento de atividades, para serem apresentados em sala de aula como forma de exposição, os próprios jogos e um caso específico onde a professora relata tê-lo utilizado em outras disciplinas ministradas por ela, como inglês e história. Abaixo, alguns desses breves relatos:

Recebo vários materiais os quais utilizo para ter ideias das atividades colocadas nos projetos desenvolvidos a cada semestre. Até mesmo os materiais enviados via e-mail, pelo Canal Educador, são salvos para serem arquivados numa mesma pasta. (professora Neuza Janete Santos da Rocha – EMEF Amador Nunes da Rocha, Viamão/RS)

No meu caso este material pode ser usado em todas as disciplinas que eu leciono no momento, porque dá base para atividades relacionadas à arte contemporânea, interpretação, momentos históricos, pronúncia, entre outras. Contudo, nossos alunos são carentes deste tipo de informação, o que nos facilita, pois deixamos de lado aqueles mesmos conteúdos maçantes que são trazidos em outros materiais comuns, e passamos a utilizar um material que chama a atenção. (professora Neuza Janete Santos da Rocha – EMEF Amador Nunes da Rocha, Viamão/RS)

A questão do cuidado e tentativa de preservação também apareceu nos relatos, uma professora, em um primeiro momento, não deixou com que os alunos manipulassem as pranchas. Do mesmo modo que muitas professoras, durante os encontros relataram que não recortaram os jogos que foram feitos e estavam disponíveis nos materiais.

Antes da visitação a Exposição DES|ESTRUTURAS, foi feita uma exposição das pranchas ilustradas para que tivessem curiosidade de ver aquelas obras de arte na FVCB. Foi escolhido um dos trabalhos para ser feita a atividade em sala de aula, que fosse mais adequado ao tema desenvolvido, Arte Abstrata, do artista JOSEPH ALBERS, I-SW, de 1971. Os alunos interagiram bem. Quem não interagiu corretamente fui eu, a professora, pois no momento da exposição das pranchas ilustradas, não deixei que tocassem para não amassar. (professora Neuza Janete Santos da Rocha – EMEF Amador Nunes da Rocha, Viamão/RS)

Questões como essas foram sendo trabalhadas ao longo dos encontros e os professores conseguiram de desvencilhar de alguns medos, de determinadas práticas

não darem certo e, principalmente, a conseguir entender que o processo em sala de aula é muito importante e que os planejamentos anteriores podem ser modificados durante as aulas, atendendo assim, as necessidades do grupo e não apenas do professor. Eles compreenderam que o contato com manifestações artísticas é importante tanto para o aluno quanto para o grupo como um todo.

Trabalhar em sala de aula, preparar os alunos para uma visita à exposição, refletir antes e depois da visita e fazer com que os alunos criem um “olhar sensível e pensante” (MARTINS, 1996) é fundamental para uma prática desenvolvida a partir da reflexão sobre ser agente na sociedade. E os alunos percebem quando isso está acontecendo no seu grupo e partir disso se prendem mais nas propostas trazidas pelos professores.

Devemos procurar proporcionar aos alunos a possibilidade de se sentirem inseridos nas mais diversas áreas do conhecimento. (professora Gizelda Neves Pereira – EMEF Jardim Outeiral, Viamão/RS)

Não apenas as pranchas como os outros mecanismos que aparecem no material didático e também durante as conversas nos encontros chegaram até os alunos. O glossário também foi um forte aliado. Para as professoras na hora de fazer relações e esclarecer questões que não ficaram muito claras durante os encontros. Algumas professoras também o utilizaram com os alunos adequando a linguagem como forma de acrescentar nas atividades propostas.

Sim, procurei adequar a linguagem a idade dos meus alunos a fim de planejar a visita à exposição. (professora Vanessa Aparecida Pacheco Bastos – EMEF Lauro Pereira Rodrigues, Viamão/RS)

Apesar de algumas professoras apresentarem dificuldades relacionadas justamente à adequação da linguagem para trabalhar com os alunos menores, a maioria conseguiu utilizar todos os mecanismos oferecidos pelo material. A partir disso algo refletiu nos alunos que também se sentiram valorizados por ter em mãos aqueles materiais que muitos professores nunca os deixariam manipular e utilizar.

Os alunos gostaram muito do material utilizado em sala de aula e conseguiram associar com a visita que fizeram à exposição. É um material muito bom para se trabalhar em sala de aula, pois além de outras características, possui uma linguagem simples. (professora Rosane Fagundes Machado – EMEF Residencial Figueira, Viamão/RS)

Por fim, em relação a tudo que é vivenciado nos encontros, as professoras relatam

de que forma isso chega até a sala de aula. Muitas delas compartilham com seus alunos que estão participando de um curso e que através desse curso elas estão trazendo essas novas propostas para eles em sala de aula. A partir disso, os alunos passam também a se interessar por esses momentos que as suas professoras estão passando. Algumas delas relatam e levam muito do que aprenderam para a sala de aula. Outras apenas relatam pouco dos momentos e seguem com o planejamento. E por fim algumas não comentam nada, mas vão aos poucos modificando suas práticas e isso é percebido pelos alunos.

Sempre fiz relato dos encontros do curso na primeira aula da semana. A partir daí, planejei com os alunos as nossas aulas. (professora Vanessa Aparecida Pacheco Bastos – EMEF Lauro Pereira Rodrigues, Viamão/RS)

Os alunos não tinham noção que ao realizarem uma obra os artistas a idealizaram. Mas, com o passar do tempo esta ideia foi sendo modificada. Hoje querem saber informações sobre sua vida, pois acreditam que influenciam naquilo que será realizado. (professora Neuza Janete Santos da Rocha – EMEF Amador Nunes da Rocha, Viamão/RS)

Em relação aos encontros o que é mais significativo para as professoras são as visitas à exposição e o contato com alguns artistas que vem até a instituição para conversar sobre o seu processo de trabalho. Para os alunos que sabem sobre o curso que suas professoras estão fazendo o que mais os deixam curiosos são os artistas. Segundo relatos eles querem saber quem são, como fazem suas obras, porque são e como conseguem ser artistas. E no geral, para os alunos que tiveram a oportunidade de visitar, o contato com um novo espaço, com as obras e o fato de poderem estar dispostos no espaço sem ser uns olhando para as costas do outro torna a visita uma aula baseada na vivência e na reflexão sobre todos os aspectos presentes naqueles momentos.

3.2 Segundo ponto: a experiência

Em recente experiência realizada em sala de aula proporcionada pela atuação como professora em uma escola estadual localizada na cidade de Viamão, várias das questões que estão sendo desenvolvidas e discutidas ao longo do texto também foram observadas e de fato vivenciadas. Iniciei minhas atividades na escola em maio de 2012 e passei a ser responsável pelas aulas de arte de oito turmas, sete do ensino

fundamental e uma do ensino médio. Foi um momento em que vários desafios começaram a aparecer, pois até aquele instante os meus únicos contatos com turmas em sala de aula tinham ocorrido no estágio curricular com apenas duas turmas.

A escola se localiza no bairro Vila Elza, e recebe alunos desse mesmo bairro e outros poucos que moram em outros locais da cidade e até mesmo de outras cidades, mas esses são a minoria. As turmas geralmente são grandes, tendo em torno de 25 a 45 alunos por sala, o que dificulta o trabalho do professor. No bairro, além de casas, existem apenas um posto de saúde, a igreja, padaria e mercado, além de alguns outros estabelecimentos de comércio. Ali não existe uma praça ou lugar de socialização para os jovens. Segundo relatos, a escola acaba se tornando esse lugar, o que faz com que a movimentação seja constante nas trocas de turno, principalmente o turno da noite.

A escola como um todo se mostrou muito receptiva e disposta a colaborar com as atividades relacionadas a arte. Eles estavam sem professor desde o início do ano e supervisora, diretora e outros professores estavam cobrindo esses períodos com as turmas. Durante o ano de 2012, tive grandes oportunidades de realizar trabalhos realmente significativos com os alunos e muito do que conseguimos foi com o apoio da escola. Apesar de a maior parte dos alunos não estarem acostumados com aulas de arte, pois até o momento xérox para serem pintados e desenhos sobre datas comemorativas eram comuns e associados à arte, eles se mostraram ao mesmo tempo receptivos e curiosos apesar de muitos ainda se mostrarem receosos com as “novas” aulas de arte. Outro aspecto que, infelizmente, chegou até as últimas aulas do ano foi o descaso de alguns alunos com a disciplina. Muitos deixavam de comparecer às aulas, não levavam os materiais solicitados, não entregavam os trabalhos e tampouco se davam o trabalho de colaborar para que o restante da turma pudesse realmente ampliar seus conhecimentos através das discussões e atividades. Esse fato alia-se ao pouco tempo disponível para a disciplina, a escassez de materiais e ao pouco espaço.

Foi difícil lidar também com o descaso de alguns professores. Afinal, para que serve a arte mesmo? Muitos deles falavam da arte (não relacionada às práticas que estavam ocorrendo na escola, mas através de notícias, relatos ou experiências anteriores) como algo que não serve para nada e que eram apenas para as pessoas que não tinham mais o que fazer.

Os desafios foram muitos, mas o retorno do trabalho foi sendo reconhecido aos poucos e as práticas realizadas ali foram sendo valorizadas com o passar do tempo

pelos professores, direção, alunos e alunos de outras turmas que eu não tinha contato. Dessa forma foi surgindo a motivação e a vontade de continuar e não desistir diante das dificuldades.

Na escola às aulas de arte são destinados dois períodos semanais por turma. Entre as muitas características da escola, torna-se importante falar sobre algumas delas para o desenvolvimento do relato. A escola não possui uma sala de arte, ou seja, a sala de aula era o espaço que eu tinha para trabalhar com os alunos. Claro que outros espaços da escola, como pátio, sala de vídeo, salão e quadra também poderiam e de fato alguns foram utilizados. Outra questão são os materiais. A escola não tinha materiais disponíveis para se trabalhar em sala de aula com os alunos, nem os mais básicos como lápis de cor, canetinha e giz de cera. Comecei levando alguns materiais de casa e solicitando para os alunos que eles também providenciassem o seu próprio material básico, o que, para minha surpresa, um bom número de alunos começou a levar. Solicitei alguns materiais para a escola também e aos poucos tivemos que organizar esses materiais para serem levados de sala para sala. Aos poucos fui adquirindo o dinamismo que a profissão exige, além de aprender a lidar com os mais variados tipos de situações em sala de aula.

Reverendo esse breve início de carreira como professora, posso afirmar que a bagagem de experiências e conhecimento se ampliou de forma significativa. Foi nesse momento que consegui aliar de forma efetiva os meus interesses pessoais em relação ao ensino da arte com prática na escola. Trabalhando na Fundação Vera Chaves Barcellos com o Programa Educativo tive a oportunidade de participar dos encontros como professora e como observadora de outros professores. E a partir disso, tive a oportunidade também de fazer muito do que já falo ser importante na teoria, essa ligação entre o ensino formal e o ensino não formal e de que forma a arte chega e permanece nas escolas através dos professores.

A partir das reflexões questiona-se de que forma os materiais didáticos chegam até os alunos e como eles auxiliam o professor em sala de aula. Dessa forma segue a partir de agora o relato sobre duas das oito turmas com as quais trabalhei. Os relatos são a partir da utilização dos respectivos materiais relacionados às exposições, “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – Construções Poéticas. Para as turmas dos 6º anos (grupo A) foram preparadas aulas relacionadas a experimentação de materiais partindo da exposição “Des|Estruturas” e do seu respectivo material didático. Para uma turma da 8ª série (grupo B) foram preparadas aulas relacionadas a uma obra especí-

fica relacionada ao artista Julio Plaza também relacionando questões da exposição e do material didático.

Os primeiros momentos que tive com os alunos foram para conhecê-los melhor a partir de suas preferências e conhecimentos em relação à arte. Para isso foram feitas dinâmicas e a partir de algumas conversas com eles foi definido um fio condutor, que iria levar em consideração articulações com história da arte, exposição de imagens, atividades de reflexão e prática em sala aula. A partir disso foram sendo construídas estratégias de abordagem, partindo também dos seus interesses. As articulações feitas em sala de aula foram se encaminhando para uma aproximação dos alunos do grupo B com a mostra “Julio Plaza – Construções Poéticas”. Os alunos do grupo A não tiveram a oportunidade de visitar a exposição “Des|Estruturas”, pois quando começamos com as atividades a exposição já havia encerrado.

3.2.1 Grupo A

Algo já relatado e discutido anteriormente que é comum nas escolas são os professores de outra área do conhecimento ministrarem aulas de arte para as mais diversas turmas da escola. Isso ocorre também com as professoras que ministram aulas para as turmas de primeiro a quinto ano do Ensino Fundamental. O que nos deixa menos preocupados com essa situação, talvez seja o fato desses professores estarem indo em busca de formação que são oferecidas pelas ações educativas. Isso é um processo lento e caso ele nem chegue a ocorrer, as turmas continuarão a não ter aulas de arte ou terão aulas de arte ligadas, principalmente, a reproduções e datas comemorativas.

O fato relatado acima foi justamente o que ocorreu na escola onde trabalho. Os alunos do sexto ano chegam apenas tendo passado por algumas práticas relacionadas a datas comemorativas e a apresentação de algumas das obras e artistas mais conhecidos como as de Van Gogh e Leonardo da Vinci. Diante da questão apontada acima, sobre o trabalho realizado com os alunos pelos professores de outras áreas do conhecimento, chega-se a dois quesitos chaves. Primeiro relacionado à falta de preocupação e valorização do ensino da arte na escola e a não abordagem da arte contemporânea. Segundo relacionada à apresentação apenas de obras e artistas ligados a períodos mais antigos da história da arte. Nem mesmo as obras que ilustram seus livros de história eles reconheceram como obras que fazem parte da história da arte ou da própria arte.

Dessa forma e tendo contato direto com uma exposição de arte contemporânea, “Des|Estruturas”, composta por diferentes obras que foram relacionadas a dois eixos principais, um que diz respeito a obras que possuem um projeto específico e que assim se constituem como produto final e outro em que o próprio processo faz parte desse entendimento do que é a obra, foi possível elaborar questões interessantes para serem abordadas com os alunos. Diante disso, inúmeros materiais, várias formas de expor determinadas obras, obras ligadas a questão da participação do público, linguagens, processos, além de outras características como o rigor, o gestualismo, a delicadeza, a força de uma expressão, a monumentalidade que estão presentes nas obras de artista como Eduardo Frola, Lenir de Miranda, Emilio Vedova, entre outros, foram questões abordadas nas aulas.

Partindo da pouca relação que os alunos tiveram com materiais e suporte, além do pouco contato com arte e, principalmente, com arte contemporânea, priorizou-se nesse primeiro momento proporcionar esse primeiro contato com diversos materiais, suportes e principalmente com artistas e obras de arte. Para que o projeto desse resultados foi necessário ocupar por um tempo a sala de vídeo da escola que iria ser utilizada em três momentos.

No primeiro momento foi realizado, a partir de questionamentos e conversas com os alunos, o que eles achavam que era realmente arte, quem eram os artistas e o que eles consideravam obra de arte. A partir disso, as respostas realmente foram relacionadas a pinturas e esculturas de períodos mais antigos da história da arte, assim como os próprios artistas, além de suas práticas anteriores em sala de aula estarem relacionadas apenas ao desenho.

O segundo momento foi organizado a partir de um vídeo onde é apresentada a exposição “Des|Estruturas”. Foram mostradas aos alunos algumas partes desse vídeo e foi-lhes questionado sobre o que mais havia lhes chamado a atenção. No vídeo aparece uma artista, e esse foi um aspecto que lhes chamou atenção por ser uma artista que está viva. Outra questão que também lhes chamou a atenção foi o fato de as obras apresentadas serem feitas de materiais diferentes, inclusive que eles conhecem e que fazem parte do seu dia a dia, e de as obras não estarem em seu “lugar habitual”, a parede.

A partir do vídeo e de algumas questões exploradas pelos alunos, as pranchas do material didático foram utilizadas para (re)vermos algumas das obras e discutirmos sobre elas. Os alunos se apropriaram muito bem das obras, pois aos poucos foram

se dando conta que a arte não está longe da realidade deles e eles também podem explorar materiais, produzir objetos e pensar, refletir e discutir sobre o que os artistas fazem. A partir das obras e dos aspectos que mais chamaram a atenção dos alunos foram abordados alguns conceitos que já faziam parte do seu vocabulário e cotidiano, que apareciam até mesmo nas aulas de outras disciplinas: como ponto, linha, plano, regras e a própria pesquisa (levando em conta que os artistas não apenas produzem e está pronta a obra, e sim pensando que eles pesquisam materiais e experimentam muito até chegar a um resultado). Além disso, pode-se trabalhar também com alguns períodos da história da arte relacionados aos artistas, possibilitando, assim, fazer algumas ligações com artistas já conhecidos por eles.

Por fim, ainda na sala de vídeo foram dispostas algumas mesas no espaço e nelas foram organizados os mais diversos materiais relacionados a gravura, pintura, desenho e esculturas tais como os materiais mais tradicionais como lápis de cor, canetinha e giz de cera, como outros que a maior parte dos alunos nunca tinha visto ou experimentado como carvão, pastel seco, pastel oleoso, tinta óleo, tinta acrílica, pigmento, algumas matrizes de xilogravura, argila, peças de cerâmica e pinceis dos mais variados tipos. Dentre essa gama de materiais muitas são as possibilidades. Alguns deles foram levados apenas para que os alunos conhecessem e outros eles tiveram a oportunidade de experimentar. Porém, o que me deixou mais surpresa e feliz foi a atitude da direção da escola em liberar uma das paredes da sala de vídeo para que os alunos interferissem nela. Esse foi o ponto alto dessa experiência de experimentação. Os alunos ficaram muito empolgados em conhecer os materiais e ter a oportunidade de experimentá-los em outros suportes diferentes de folhas A4, principalmente na parede. Abaixo seguem algumas imagens desse relato.



Figura 3.1: Alunos trabalhando na sala de vídeo com experimentação de materiais e novos suportes
Foto: Ana Paula Meura

3.2.2 Grupo B

A proposta realizada com o grupo B foi desenvolvida apenas nas últimas aulas do terceiro trimestre de 2012. Diante de muitas questões para serem trabalhadas e a exposição “Julio Plaza- Construções Poéticas” ter iniciado em setembro de 2012, foi possível abordar tais questões relacionadas ao artista apenas no fim do ano.

Com esse grupo foi possível programar uma visita à exposição e proporcionar a eles um contato com as obras de arte originais e com um espaço direcionado a arte contemporânea. Para muitos foi a primeira vez que realizaram a visita a museu. Eles tiveram a oportunidade de ter uma aula diferente em um espaço novo tendo uma nova experiência com a obra e não apenas com a imagem reproduzida e descrição de alguns elementos pelo professor.

Após a visita a exposição novas discussões surgiram em sala de aula. Os alunos voltaram mais motivados e querendo saber mais sobre as obras, sobre o espaço, além de questionarem se poderiam voltar ali sozinhos, com amigos ou familiares. Foi importante prestar atenção nos alunos e perceber o quanto foi gratificante para a maioria deles ter realizado a visita. Três funcionárias da escola também foram na exposição e

para elas também foi uma experiência e uma mudança em relação a sua visão de arte e a valorização das atividades realizadas na escola.

A visita à exposição foi um ponto importante nesse momento em que a arte começa encontrar um espaço na escola. A experiência comprovou que apesar de algumas dificuldades que os professores de arte precisam enfrentar para trabalhar com arte na escola, com paciência e dedicação é possível que ocorram algumas mudanças e que aos poucos surja o interesse nos alunos pela arte. Esse contato também provocou mudanças significativas no que diz respeito a desmistificação da arte, da obra de arte, do próprio artista e até mesmo dos materiais que são utilizados por eles.



Figura 3.2: Visita dos alunos à exposição
Foto: Ana Paula Meura

Depois da visita à exposição e das diversas discussões que surgiram em sala aula, os alunos foram convidados a trabalharem com uma das obras do artista Julio Plaza. No material didático é disponibilizado um molde para se fazer um cubo, fazendo referência a obra “Cubogramas Montáveis”. A partir da distribuição dos moldes, foi-lhes solicitado que buscassem em seu repertório, músicas, poesias, imagens, frases, entre outras manifestações. A partir da escolha começamos a montar os cubos e a encontrar formas de deixá-los mais firmes, além de pensar de que forma aquilo que eles haviam escolhido para preencher os cubos iria ser composto no objeto. Os

resultados foram cubos montados com características pessoais de cada um dos alunos, pois eles trouxeram as mais diversas inscrições para compor o seu objeto, outros trouxeram imagens, e tiveram alguns que simplesmente interferiram nele.

Depois de os objetos ficarem prontos fizemos uma exposição na sala de aula eles tiveram a oportunidade de observar os trabalhos realizados pelos colegas. Durante esse processo de observação foi-lhes apresentada a obra do artista e além de discutirmos o processo de construção da obra e a parceria do artista com poetas, também foram feitas relações com o espaço de tempo em que a obra foi feita e a relação que se estabeleceu entre um objeto artístico e a linguagem escrita. Os alunos por fim trouxeram a relação estabelecida com a música, onde muitos artistas fazem parcerias para escrever, por exemplo.



Figura 3.3: trabalho realizado pelos alunos e obra “Cubogramas Montáveis”, 1967-1975, do artista Julio Plaza

Foto: Ana Paula Meura

Durante o breve relato acima foram apontadas questões a partir de uma experiência concreta no ensino envolvendo vários aspectos relacionados as ações do professor de arte atual. Mesmo entrando apenas no segundo trimestre, acredito ter realizado um trabalho que conseguiu atingir muitos alunos e demais pessoas relacionadas a comunidade escolar de forma positiva. Agora, como professora integrante da escola percebe-se ainda mais as dificuldades do dia a dia em sala de aula. Mas, percebem-se ao mesmo tempo resultados surgindo a partir desse processo de ensino aprendizagem. Com isso, constata-se que é possível dar sentido através de articulações entre o que professor escolhe levar para a sala de aula com experiências que partem dos

alunos. Algo importante a mencionar e refletir são as possibilidades que podem surgir a partir de poucos recursos, pois trabalhos que carregam consigo a reflexão e o pensamento crítico serão importantes tanto para os alunos quanto para o professor, pois articulam as suas vivências e a construção do aprendizado será coletiva.

Vê-se também nas questões acima, a articulação entre o ensino formal e o não formal que é capaz de provocar a ampliação e o enriquecimento dos referenciais dos alunos tanto em relação a artistas como em relação a produção atual e as inúmeras relação com outros períodos da história.

Por fim, com Mirian Celeste Martins (2011) em seu texto “Arte, só na aula de arte?”, a autora aborda uma questão importante em relação a três conceitos que, depois de realizar e pensar sobre as minhas práticas em sala de aula e as práticas dos professores abordadas anteriormente, pude perceber através das reflexões. Em determinado momento do texto Mirian Celeste trabalha com o conceito de “mediação cultural” que está associada aos outros três conceitos mencionados que são a “nutrição estética” (onde é necessário “provocar encontros com a arte” seja através da poesia, musica, filmes, imagens, obras de arte, entre outros elementos para “alimentar olhares e percepções”), a “curadoria educativa” (já trabalhada e pensada pela autora em outros momentos e que diz respeito as escolhas que o educador precisa fazer na hora de planejar os encontros com seus alunos e para isso precisa levar em consideração muitos fatores que fazem com que o professor trabalhe um “olhar escavador de sentidos”) e por fim a “ação propositora” (ou seja, aquele professor que está preocupado também com as propostas mais direcionadas ao pensamento critico e criador do seu aluno, fazendo com que suas ações em sala de aula sejam refletidas e pensadas). Segundo Ana Mae Barbosa (2009, p.13), “a arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público”, e “o lugar experimental dessa arte é o museu”.

Reverendo as práticas relatadas acima consegue-se perceber a nutrição estética quando nós, professores, começamos a perceber a arte relacionada ao nosso cotidiano e as nossas práticas relacionadas até mesmo a pesquisa, a escolha de uma musica, a ida ao cinema, teatro ou um show. A questão da curadoria educativa se faz presente a cada escolha que fazemos na hora de planejarmos nossos encontros com os alunos. Pensamos na reação a cada imagem que pretendemos mostrar, a cada palavra que pensamos em utilizar e a cada questão que decidimos propor para

discussão. Pensar sobre tudo isso é importante, pois o nosso trabalho vai ganhando credibilidade e os resultado dele começa a ser percebido através dos nossos alunos, refletindo assim, na escola. Pois o terceiro ponto é justamente a ação propositora, as ações que são pensadas pelo professor, mas que são realmente construídas com o grupo a fim de realizar um trabalho reflexivo, onde os alunos tenham a consciência de pensar sobre o que estão fazendo.

Por fim, aliando as práticas relatadas acima com os conceitos trazidos por Barbosa e Martins, acredita-se estar percorrendo um caminho em que se vai conquistando alguns resultados e mudanças, apesar de pequenos, no processo iniciado nas comunidades escolares no ano de 2012. Pretende-se assim, buscar desenvolver mais práticas relacionadas a essas reflexões buscando sempre construir o conhecimento junto com o grupo, modificando/ampliando aos poucos o espaço destinado ao ensino da arte na escola.

Considerações Finais

Diante de todas as reflexões a partir de muitas vivências no ano de 2012 apresentadas na pesquisa, tem-se, talvez, alguns resultados previsíveis em relação a participação de professores de arte em ações educativas desenvolvidas por instituições culturais. Torna-se importante esclarecer que todas as questões partiram de interesses pessoais e experiências de trabalho que estão sendo condensados ao longo de uma formação como professora, observadora e pesquisadora.

No início da pesquisa pretendia-se apenas observar professores que buscam a formação continuada em arte e a partir deles construir uma reflexão sólida sobre as suas práticas antes e depois da participação nos encontros do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. Passadas algumas semanas comecei a atuar como professora em uma escola de Viamão. A partir desse momento, ao estar presente nos encontros do Programa Educativo como observadora, passei a ser também uma professora participante de ações educativas e que passa por muitas das façanhas que os outros professores passam e relatam.

Como funcionária da Fundação Vera Chaves Barcellos e como professora em uma escola de Viamão, a inserção na comunidade através da arte se torna efetiva e consistente, tendo assim, muitas questões importantes para refletir, ações para planejar e professores para compartilhar nas mais diversas dificuldades e resultados satisfatórios. Tornou-se importante refletir sobre minha prática em sala de aula e não deixar que apenas teorias baseadas nas ações de outros professores de arte fossem analisadas, observadas e, algumas vezes, julgadas. Foi um aprendizado coletivo não apenas no contato com professores, mas principalmente, no contato diário com os alunos em sala de aula, pois, aos poucos, foi-se construindo em todos nós, professores participantes de ações educativas com formação ou não em arte, com um ou vinte anos de profissão “uma forma de diminuir o papel de autoridade na sala de aula” (FLETCHER, 2009, p. 50), pensando a partir daí em uma divisão de funções e passando a “aprender coletivamente” (FLETCHER, 2009, p. 50)

Como dito anteriormente, as reflexões iniciam a partir de interesses pessoais já

apresentadas também no Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Licenciatura em Artes Visuais. Para esse novo caminho buscou-se focar ainda mais nesses interesses chegando por fim na prática real do professor de arte em sala de aula, tentando descobrir se os conteúdos e os materiais didáticos dos encontros do Programa Educativo chegam realmente à sala de aula ou permanecem na estante de livros.

Os professores vindos das mais diversas áreas do conhecimento, durante os encontros se mostravam empolgados e atentos a tudo. Mas questionava-me se essa empolgação saía daquelas salas e o acompanhava a fim de ir transformando-o até o momento de planejar novas ações para o encontro com seus alunos. Ao mesmo tempo perguntava-me se os alunos também eram atingidos e transformados com as novas práticas que aos poucos iam se distanciando dos moldes tradicionais.

Reflete-se com Burham e Kai-Kee quando colocam que “é a partir das experiências individuais que acontecerá o fluxo da experiência coletiva.” (BURHAM e KAI-KEE, 2011, p. 72). Ou seja, os professores chegam aos encontros com a sua bagagem de experiência, são tocados de alguma forma por tudo o que lhes é apresentado, conhecem outros professores que passam por situações parecidas ou realidades completamente diferentes, o que proporciona o pensamento sobre as suas práticas. Os próprios professores chegam abertos e receptivos. Saem dos encontros, voltam a sua rotina, voltam aos seus alunos que também já carregam uma bagagem de vivências. Em sala de aula, diante das muitas informações e proposições, quando essas vivências e experiências se chocam e entram nas discussões e nas práticas, acontece uma troca de saberes e tanto o professor quanto o aluno aprendem um com o outro.

Durante o desenvolvimento uma questão não foi abordada. No período em que ocorriam as exposições eu recebia vários grupos desses professores que participavam do Programa Educativo. Diante disso algo importante pode ser constatado. A maioria dos professores participantes dos encontros do Programa Educativo realmente levavam todo o aprendizado e mais os materiais para a sala de aula e colocavam a disposição dos seus alunos. A partir desse encontro com os grupos, tive a oportunidade de conhecer também os alunos e perceber através das conversas e das suas ações que muitas questões abordadas nos encontros e o material didático estiveram presentes na sala de aula. Muitos comentavam que já tinham visto aquela imagem ou que a professora tinha falado sobre tal artista. Mirian Celeste Martins (2011) fala justamente desse professor que não deixa esses encontros e os materiais guardados, que se apropria e os tem como aliados para os mais variados desdobramentos em

sala de aula. Nesse momento foi gratificante perceber que a pesquisa renderia frutos, pois a constatação da apropriação veio através dos principais atingidos, os alunos.

Alice Bemvenuti já abordava as mais diversas questões sobre as ações educativas e o longo caminho que trilhou para chegar e ocupar o espaço que ocupa hoje nas instituições culturais. Para a autora e para quem vivencia essas experiências, constata-se a importância dessas ações por elas abrirem portas para as discussões, para os encontros e, principalmente, para que o professor esteja sempre em contato com arte, discutindo, pesquisando e, segundo Mirian Celeste Martins (2011), alimentando seu olhar, sua percepção.

Laura Dalla Zen (2011) trouxe, além de informações, reflexões importantes sobre os materiais didáticos. Esses materiais que passaram a serem distribuídos por muitas instituições através de suas ações educativas e se tornam aliados dos professores na hora do planejamento e na hora de fornecer recursos diferenciados para serem trabalhos, adaptados e desenvolvidos com seus alunos em sala de aula.

Por fim, pensa-se nesses professores que acima de todas as precariedades no ensino ainda se sentem motivados e não desistem de sua formação, não desistem de querer atingir ainda mais seus alunos encontrando meios e estratégias para estar mais próximos deles e da sua realidade. Citando novamente Scatolini, reflete-se sobre esse professor responsável por ministrar aulas de arte, mesmo vindo de outras áreas do conhecimento e o seu crescente interesse em conseguir desenvolver ações realmente significativas. Segundo o autor, o importante é

Fazer com que o professor ou educador garanta a presença da arte na sala de aula, independente da disciplina e do conteúdo que é responsável. E que ele tenha um aporte para trabalhar com as diversas linguagens artísticas, sem desconsiderar suas estruturas, mas integrando a ética, a estética e a técnica. Há dificuldades estruturais para isso, que vão desde vontade política, investimento financeiro, disponibilidade pessoal e de tempo, formação continuada, planejamento dialógico, até a superação do medo do novo, entre outras questões (SCATOLINI, 2009, p. 72)

O autor, assim como os próprios professores relataram, reconhece que existem dificuldades, mas é preciso fazer com que as dificuldades não deixem que a vontade de atuar com práticas desenvolvidas a partir do diálogo e da reflexão seja deixada de lado. Afinal, como foi visto ao longo da pesquisa, o processo pode ser lento, mas mudanças e resultados significativos aparecem. A partir de agora pretende-se continuar a percorrer esse caminho cada vez mais estreito entre o ensino formal e não

formal, buscando nos professores de arte e em sua atuação novos objetivos de pesquisa aliando ao desenvolvimento dos alunos que são os principais atingidos por nós, professores.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre, RS: Mediação, 1999.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: aos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane G. (Orgs). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BEMVENUTI, Alice. Museus e Educação em Museus - História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. 2004. 385 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

BRASIL (Ministério da Educação e do Desporto). Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte. Brasília, MEC, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BURHAM, Rika e KAI-KEE, Elliott. A Arte de ensinar no Museu. In: HELGUERA, Pablo e HOFF, Mônica (Orgs.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

CHIOVATTO, Milene. O Professor Mediador. [SI]: Artigo extraído do BOLETIM Nº 24 de Outubro/Novembro 2000. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=13. Último acesso em: 03 de jul. de 2011. tituição. Disponível em: <<http://fvcb.com.br/?s=julio+plaza>>. Último acesso em: 08 de jan. de 2013.

DALLA ZEN, Laura Habckost. O dispositivo pedagógico da arte. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

FLETCHER, Harrel. Algumas idéias sobre arte e educação. In: CAMNITZER,

Luis e PÉREZ-BARREIRO, Gabriel Pérez-Barreiro (Orgs). Arte para a educação / educação para a arte. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS. Desenvolvido pela Fundação Vera Chaves Barcellos. Apresenta informações gerais sobre a insBEMVENUTI, Alice. As ações educativas em museus e o ensino da arte em um percurso histórico brasileiro de 1816 a 1950.

Disponível em: http://www.gedest.unesc.net/seilacs/1816_alicebemvenuti.pdf.

Último acesso em: 02 de dez. de 2011.

GÖTTEMS, Camila. Obras de arte propositivas e sensoriais: instigando a fruição e a experiência artístico-estética em situações de ensino-aprendizagem. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

HELGUERA, Pablo. Educação para uma arte socialmente engajada. In: HELGUERA, Pablo e HOFF, Mônica (Orgs.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

RÜDIGER, Claudia E LEON, Mauren de. A FVCB e seu Projeto Educativo. Poma-res. Fundação Vera Chaves Barcellos, n. 2, 2012. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.

KREMER, Maria Margarita Santi de. Des|Estruturas: Material Pedagógico. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos: Programa Educativo, 2012.

KREMER, Maria Margarita Santi de. Julio Plaza – Construções Poéticas: Material Pedagógico. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos: Programa Educativo, 2012.

KREMER, Maria Margarita Santi de. Programa Educativo FVCB / Des|Estruturas. In: Des|Estruturas – Catálogo da exposição. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e os saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan./fev./mar./abr. 2002, n.19, p. 20-28.

LYGIA CLARK. Site da artista Lygia Clark. Disponível em : <<http://www.lygiac Clark.org.br/biografiaPT.asp>>. Último acesso em: 24 jan. 2013

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Experiências estéticas e linguagens artísticas – Inquietudes e experiências estéticas para a educação. Salto para o futuro – Formação Cultural de Professores, Boletim 07, 2010. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/10343907-formacaocultural.pdf>. Último acesso em: 09 jan. 2013.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? Revista Educação. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. Rio de Janeiro, RJ: RBB Ltda, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste. O Sensível Olhar - Pensante. In: Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

MEURA, Ana Paula. Relação entre o ensino formal e o ensino não formal: reflexões sobre o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. 2011. Monografia (Graduação em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Desenvolvido pelo Ministério da Cultura. Apresenta informações sobre a ARCO 2008. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/brasil_arte_contemporanea/?page_id=36>. Último acesso em: 05 jan. 2012.

PINTO, Júlia Rocha; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte-educação em instituições culturais – O ensino não formal em museus de arte. Disponível em: <http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/10eraea/relatos_pesquisa/arte_educacao_em_instituicoes_culturais.pdf>. Último acesso em: 07 de jan. de 2013.

PREFEITURA DE VIAMÃO. Desenvolvido pela Prefeitura da cidade de Viamão. Apresenta informações referente a cidade. Disponível em: <<http://www.viamao.net/cidade.php>>. Último acesso em: 25 de nov. de 2011.

PRÊMIO INVESTIDOR PROFISSIONAL EM ARTE. Desenvolvido pelo PIPA. Apresenta informações sobre o PIPA e sobre os artista ganhadores do prêmio. Disponível em: <http://www.premiopipa.com.br/?page_id=1186>. Último acesso em: 05 jan. 2013.

REGINA OHLWEILER. Blog da artista Regina Ohlweiler. Disponível em: <reginaohlweiler-obra.blogspot.com>. Último acesso em: 05 jan. 2013.

REGINA SILVEIRA. Site da artista Regina Silveira. Disponível em: <reginasilveira.com>. Último acesso em: 05 jan. 2013.

SCATOLINI, Roberta. Educação para a arte / Arte para a educação. In CAMNITZER, Luis e PÉREZ-BARREIRO, Gabriel Pérez-Barreiro (Orgs). Arte para a educação / educação para a arte. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. Desenvolvido pela Secretaria de Educação do RS. Apresenta informações referentes à educação básica do estado. Disponível em : <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp>>. Último acesso em: 05 jan. 2013.

SHEIKH, Simon. Sobre a produção de públicos ou: arte e política em um mundo fragmentado. In CAMNITZER, Luis e PÉREZ-BARREIRO, Gabriel Pérez-Barreiro (Orgs). Arte para a educação / educação para a arte. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

VIDOKLE, Anton. Da exposição para a escola: apontamentos do Unitednations-plaza. In CAMNITZER, Luis e PÉREZ-BARREIRO, Gabriel Pérez-Barreiro (Orgs). Arte para a educação / educação para a arte. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

Anexos

Anexo 1 - Vera Chaves Barcellos



Figura 3.1: Vera Chaves Barcellos

Vera Chaves Barcellos (1938, Porto Alegre, RS)

Artista multimídia e gravadora.. Em sua primeira viagem à Europa, entre 1961 e 1962, frequenta a Central School of Arts and Crafts e a St. Martin's School, ambas em Londres, a Academie van Beeldende Kunsten, em Roterdã, Holanda, e a Académie de la Grande Chaumière, em Paris, onde estuda desenho, gravura e pintura. De volta ao Brasil, em 1965, dedica-se exclusivamente à gravura. Na década de 1970, começa a utilizar a fotografia, combinando-a à serigrafia. A partir de 1974, realiza a série "Testarte", apresentada na Bienal de Veneza em 1976 e na Bienal Internacional de São Paulo em 1977. É contemplada com uma bolsa de estudo do British Council, em 1975, e faz estágio de seis meses no Croydon College of Art and Technology, estudando a fotografia. Integra o grupo Nervo Ótico, que atua em Porto Alegre em 1977 e 1978, e participa da criação do Espaço N.O. Com atividade entre 1979 e 1982. Com os artistas Carlos Pasquetti e Patricio Farias, funda a Galeria Obra Aberta, dedicada à arte contemporânea, que funciona de 1999 a 2002. Em 2003, com a doação de sua coleção particular, cria a Fundação Vera Chaves Barcellos, em Porto Alegre, destinada à difusão, preservação e divulgação da arte contemporânea.

Anexo 2 - Exposições

Ao longo do texto foram citadas algumas das exposições realizadas na Sala dos Pomares: a que deu início ao Programa Educativo “Pintura: da matéria a representação” e as duas exposições de 2012 sobre as quais foram desenvolvidos materiais didáticos, “Des|Estruturas” e “Julio Plaza – Construções Poéticas”. Até o momento na Sala dos Pomares foram realizadas cinco exposições. Seguem abaixo algumas informações sobre elas.

Anexo 2.1 - Exposição “Silêncios e Sussurros”

Período da exposição: de 29 de maio a 06 de novembro de 2010

Artistas: Adolfo Montejo Navas, Anna Bella Geiger, Bob Wilson, Cao Guimarães, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Carmela Gross, Carmen Calvo, Christo, Domènec, Eduardo Kichhöfel, Elaine Tedesco, Enric Mauri, Fernando Alday, Frantz, Gisela Waetge, Guilherme Dable, Hannah Collins, Helio Ferverza, Perejaume, José Rufino, Lenora de Barros, Leopoldo Plentz, Lia Menna Barreto, Luiz Barth, Luiz Roque, Mara Alvares, Mário Röhnelt, Marlies Ritter, Margarita Andreu, Michael Chapman, Mira Schendel, Nazareno, Nick Rands, Patrício Farias, Paulo Vivacqua, PepAdmetlla, Rafael França, Regina Silveira, Rintaro Iwata, Rodrigo Braga, Rufino Mesa, Sean Scully, Sol LeWitt, Teresa Poester e Vera Chaves Barcellos.

A mostra escolhida apresentou um recorte das cerca de 1.300 obras que formam a coleção de arte contemporânea da FVCB, abrangendo obras realizadas em diversas épocas e linguagens. O conceito expandido de silêncio está representado por trabalhos que incluem desenhos, gravuras, fotografias e plotagens, vídeos, objetos, esculturas e instalações de artistas de nacionalidades diversas como Mira Schendel, Regina Silveira, Sol Lewitt, Bob Wilson, Cao Guimarães, Christo, Carlos Asp, Mário Röhnelt, Lia Menna Barreto, entre outros. São cerca de 60 títulos na mostra que propõem abrir diálogos cruzados entre as obras; pensamentos sugeridos que se completem ou se interroguem, traçando ou mesmo, às vezes, ultrapassando linhas limitadoras e que, por isso mesmo, venham a enriquecer o conjunto.

Fonte: www.fvcb.com



Figura 3.2: Vista 1 da exposição
Foto: Juliana Lima



Figura 3.3: Vista 2 da exposição
Foto: Juliana Lima

Anexo 2.2 - Exposição Exposição “Pintura: da matéria a representação”

Período da exposição: 20 de novembro de 2010 a 18 de junho de 2011

Artistas: Frantz, Mara Alvares, Regina Ohlweiler, Heloisa Schneiders da Silva, Carlos Wladimirsky, Ricardo Mello, Karin Lambrecht, Gisela Waetge, Marilene BurtetPieta, Lenir de Miranda, Milton Kurtz, Alfredo Nicolaiewsky e Nelson Wilbert.

Nas palavras do curador, Mário Röhnelt: “A mostra reúne exemplares da produção de 13 pintores surgidos a partir dos anos 1980 e que constituem importante contribuição à prática da pintura brasileira. Cada um possui um discurso plástico próprio, uma maneira singular de domar a matéria do seu ofício e de enfrentar decididamente a imensa tradição da pintura e sua história.” Segundo Mario Röhnelt, ele mesmo um dos nomes mais importantes da chamada geração 80 de artistas que renovaram a tradição da arte contemporânea entre nós, a mostra desenvolveu sobre “uma estilística que vai da pintura expressionista abstrata à pintura figurativa de viés gráfico.”

Fonte: www.fvcb.com



Figura 3.4: Exposição “Pintura: da matéria a representação”
Foto: Juliana Lima



Figura 3.5: Vista da exposição
Foto: Juliana Lima

Anexo 2.3 - Exposição Exposição “Um Ponto de Ironia”

Período da exposição: 09 de julho a 26 de novembro de 2011

Artistas: Alejandra Andrade, Amelia Toledo, Anna Bella Geiger, Anna Esposito, Antoni Muntadas, Antoni Miralda, Antônio Dias, Barry Flanagan, Bálint Szombathy, Bené Fonteles, Betty Radin, Cao Guimarães, Carlos Echeverry, Carlos Pasquetti, Claudio Tozzi, Cláudio Ferlauto, Cláudio Goulart, Clóvis Dariano, Donato Chiarello, Edgardo Antonio Vigo, Evandro Carlos Jardim, Fernando de Filippi, Ferruccio Dragoni, Flavio Pons, G. E. Marx Vigo, Gabriel Borba, Gretta, Guglielmo Achille Cavellini, Hans Peter Feldmann, Hudinilson Jr, J. Medeiros, Jailton Moreira, Jiri Georg Dokoupil, Joan Rabascal, Julio Plaza, Karin Lambrecht, Klaus Groh, Lenir de Miranda, Lenora de Barros, Leonhard Frank Duch, Luis Alberto Solari, Marcel-Li Antúnez Roca, Mario N. Ishikawa, Mário Ramiro, Mariana Manhães, Milton Kurtz, Mirella Bentivoglio, Nelson Leirner, Patricio Farías, Paulo Bruscky, Regina Silveira, Robert Filliou, Romanita Disconzi, Simone Michelin Basso, Telmo Lanes, Tomasz Schulz, Ulises Carrión, Unhandejara Lisboa, Vera Chaves Barcellos, Vera Salamanca e Vittore Baroni.

Com curadoria da artista Vera Chaves Barcellos, em parceria com Ana Maria Al-

bani de Carvalho e Neiva Bohns, a mostra apresentou um amplo conjunto de obras do acervo da FVCB inseridas no domínio das relações entre as artes visuais e a linguagem verbal. Exemplares de arte postal, cartazes, desenhos, gravuras, esculturas, fotocópias, fotografias, gravuras, instalações, livros de artista, objetos e vídeos em obras que fazem uso de imagens caracterizadas pela ambivalência e polissemia, do humor misturado ao drama, ao patético e ao absurdo. Muitas destas peças inseridas na tradição das poéticas visuais inaugurada pela arte concreta brasileira como é o caso de Lenora de Barros, nome de destaque na confluência entre palavra e visualidade. Compreendendo um amplo espaço de tempo, mas reunidas em conjunto, o contato com as obras propôs ao espectador aprofundar questões como a espetacularização da cultura, a tensão cotidiana pelo tempo cada vez mais acelerado, as convenções sociais e políticas através da força criativa de obras perpassadas pelo humor e pela dubiedade.

Fonte: www.fvcb.com

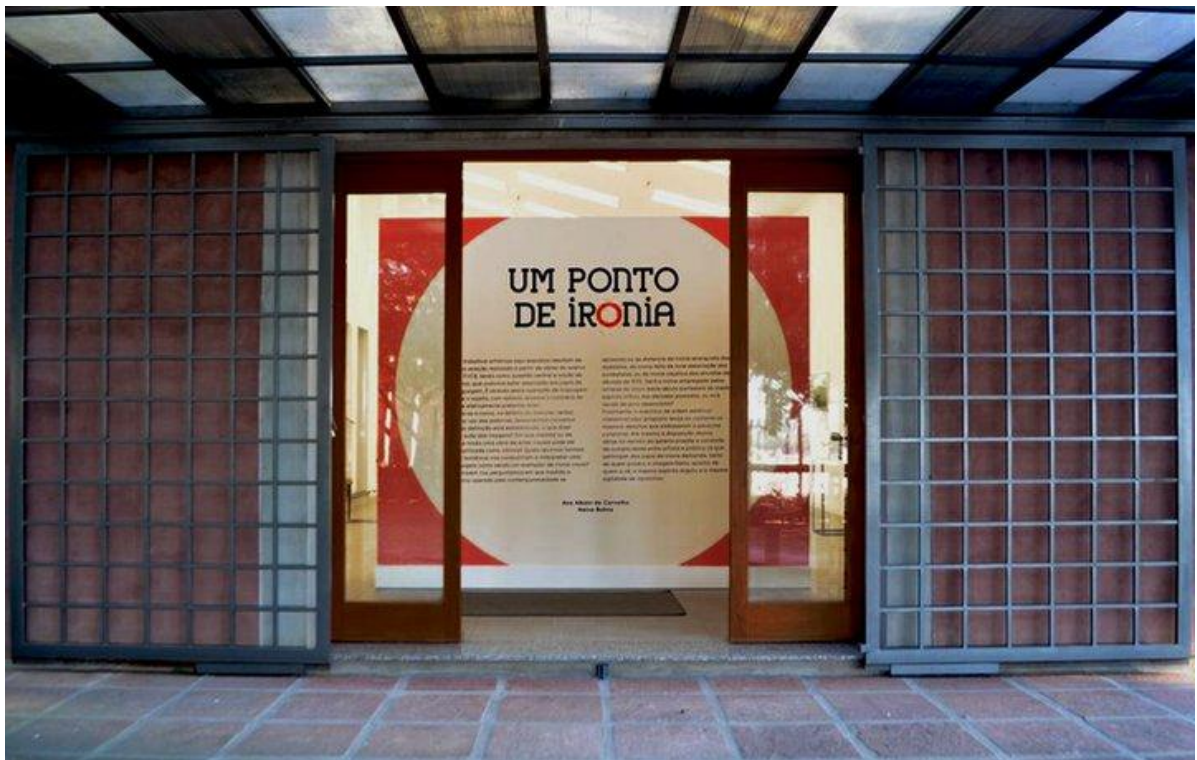


Figura 3.6: Exposição “Um Ponto de Ironia”
Foto: Juliana Lima



Figura 3.7: Vista da exposição
Foto: Juliana Lima

Anexo 2.4 - Exposição Exposição “Des|Estruturas”

Período da exposição: de 14 de abril a 28 de julho de 2012

Artistas: Ana Maria Maiolino, Carlos Pasquetti, Eduardo Frota, Emilio Vedova, Frantz, Gisela Waetge, Helio Ferverza, Iole de Freitas, Ione Saldanha, Joseph Albers, Judith Lauand, Lenir de Miranda, Lily Hwa, Lluís Capçada, Lorena Geisel, Lucia Koch, Lygia Clark, Maria Lucia Cattani, Mario Ramiro, Maristela Salvatori, Nelson Wiegart, Nick Rands, Pic Adrian, Regina Ohlweiler, Riera i Aragó, Tadeusz Lapinski, Vera Chaves Barcellos.

O novo recorte no acervo pretendia inicialmente diálogos entre obras de dois tipos: aquelas que partem de um projeto específico e claro e outras que dão mais lugar à intuição e ao momento do fazer e cuja produção está intimamente relacionada ao próprio processo. No entanto, no decorrer da escolha pela organização da mostra, que teve curadoria de Vera Chaves Barcellos e Neiva Bohns, essa divisão entre a forma de elaboração de um produto artístico, revelou-se, num segundo momento, demasiado simplista, já que alguns trabalhos, embora rigorosamente projetados e estruturados, também implicam a sua própria desestruturação. Isso prova mais uma vez que arte

não é uma coisa simples. Este conjunto de obras da coleção da FVCB, pertencentes a diversas épocas, dos anos 60 até a atualidade, reunindo autores tanto brasileiros como estrangeiros, reafirma a arte como um fenômeno complexo e digno de ser estudado e analisado.

A mostra contrapõe o gestualismo de Emilio Vedova ao rigor de Joseph Albers e reuniu desde pequenas obras sobre papel, como as delicadas gravuras em metal da chinesa Lili Hwa, que valorizam o gesto, ao expressivo conjunto de 134 pinturas sobre papel de Lenir de Miranda sobre o tema de Ulisses. E destacamos a obra emblemática como é o LC3 , um dos bichos de Lygia Clark, editados pela Limited Edition, de Londres, nos anos 1960, escultura transformável em múltiplas esculturas distintas. Muitas outras obras de grande interesse foram oferecidas nesta exposição ao espectador: um leque amplo e aberto à contemplação e à reflexão.

Fonte: www.fvcb.com



Figura 3.8: Vista 1 da exposição
Foto: Juliana Lima



Figura 3.9: Vista 2 da exposição
Foto: Juliana Lima

Anexo 2.5 - Exposição Exposição “Julio Plaza – Construções Poéticas”

Período da exposição: de 15 de setembro à 21 de dezembro de 2012

Artista: Julio Plaza

Primeira exposição dedicada a um único artista. Escritor, gravador, artista intermídia, teórico e professor, Julio Plaza (Madrid, 1938- São Paulo, 2003) é um artista importante tanto pelo conjunto de sua obra e seu interesse desbravador no campo da arte e tecnologia, como pelas gerações de artistas que influenciou em suas atividades didáticas exercidas na ECA-USP, na FAAP, na PUC-SP e na UNICAMP. Vera Chaves Barcellos e Alexandre Dias Ramos respondem pela organização e curadoria da exposição propondo uma revisão expográfica inédita no RS de sua produção artística acrescida pelo aval de terem convivido ou estudado com o artista. A obra e a vida de Julio Plaza ainda não foram objeto de publicação e seus trabalhos permanecem pobremente reproduzidos. Artista intersemiótico e com produção multimeios, pesquisador e expert em técnicas gráficas, Julio Plaza consolidou sua obra com pintura, desenhos e objetos ainda nos anos 60, sob o vetor construtivo. Desembarcou no Brasil pela

primeira vez em 1967, integrando a representação espanhola que participou da 11ª Bienal Internacional de São Paulo, e como bolsista do Itamarati, para um estágio no ESDI, Escola de Desenho Industrial do Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1969, ano em que realizou o Livro-Objeto, com o editor argentino Julio Pacello.

A FVCB, com apoio do MAC-USP, produziu para a exposição o vídeo “Julio Plaza, o poético e o político”, com direção de Hopi Chapman e Karine Emerich, da Flow Films. O documentário em média-metragem gravado na Espanha e no Brasil traz depoimentos de artistas e intelectuais que conviveram com Julio Plaza. Vera Chaves Barcellos gravou pessoalmente em Madrid os testemunhos de Luis Lugán, precursor da arte tecnológica espanhola; de Julián Gil, veterano artista expoente do concretismo espanhol e Ignacio Gómez de Liaño, escritor e filósofo. No Brasil foram gravados depoimentos das artistas Regina Silveira, que foi casada com Julio Plaza durante 20 anos, Lenora de Barros e Inês Raphaelian. E ainda Cristina Freire, pesquisadora e vice-diretora do MAC-USP, Gabriel Borba, Martin Grossman e Ana Tavares, além do poeta Augusto de Campos.

Fonte: www.fvcb.com



Figura 3.10: Exposição “Julio Plaza – Construções poéticas”
Foto: Fábio Alt



Figura 3.11: Vista 2 da exposição
Foto: Fábio Alt

Anexo 3 - Artistas

Durante o desenvolvimento foram apresentados alguns artistas que participaram de forma efetiva do desenvolvimento do Programa Educativo da FVCB. Eles marcaram presença na instituição além de serem artistas de grande importância no cenário da arte e nas exposições realizadas na Sala dos Pomares. Seguem abaixo algumas informações sobre eles e seus trabalhos.

Anexo 3.1 - Eduardo Frota



Figura 3.12: Eduardo Frota

Eduardo Frota (Fortaleza – CE, 1959)

Vive e trabalha em Fortaleza. Exerce atividade didática como Professor de Arte e Arte Educador desde 1979. Como Artista Plástico, desenvolve seu trabalho desde 1977. Durante 1979 e 1980 fez o Curso Intensivo de Arte/Educação (CIAE) Escolinha de Arte do Brasil – EAB, Rio de Janeiro, RJ. Entre 1982 e 1986 estudou no Rio de Janeiro, formando-se em Educação Artística na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, entre os anos de 1978 e 1980.

Fonte: http://www.cultura.gov.br/brasil_arte_contemporanea/?page_id=36. <http://www.premio>
Acesso em 05.01.2013

Anexo 3.2 - Regina Ohweiler



Figura 3.13: Regina Ohweiler

Regina Ohweiler (Porto Alegre, RS – 1954)

Vive e trabalha em Porto Alegre. Bacharel em Artes Plásticas: Desenho e Gravura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, Porto Alegre, RS. Fez residência no Frans Masereel Centrum, 1988, Kasterlee, Antuérpia, e no London Print Studio, 1992, London, Inglaterra. Em 1992 foi premiada na 10ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR. Possui obras em diversos acervos públicos e privados entre eles o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre, RS, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR, London Print Studio, Londres, Inglaterra, Museo Nacional Del Grabado, Buenos Aires, Argentina, e Rijksmuseum Antwerp – Prentenkabinet, Antuérpia, Bélgica.

Fonte: reginaohlweiler-obra.blogspot.com Acesso em: 05.01.2013

Anexo 3.3 - Regina Silveira



Figura 3.14: Regina Silveira

Regina Silveira (Porto Alegre, 1939)

Vive em São Paulo, Brasil. Graduada no Instituto de Artes da UFRGS (1959), fez o Mestrado (1980) e Doutorado em Artes na Escola de Comunicações e Artes, USP. Ensinou no Instituto de Artes da UFRGS (1964-1969), no campus de Mayaguez da Universidade de Porto Rico (1969-73), na Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP em São Paulo (1973-85) e foi docente do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP desde 1974 ao presente. Participou de diversas bienais internacionais, entre outras a Bienal de São Paulo (1983,1998), a Bienal do Mercosul (2001, 2011), e a 6ª Bienal de Taipei (2006).”

Fonte: reginasilveira.com Acesso em: 05.01.2013

Anexo 3.4 - Lygia Clark



Figura 3.15: Lygia Clark

Lygia Clark (1920, Belo Horizonte, MG – 1988, Rio de Janeiro, RJ)

Inicia seus estudos artísticos em 1947, no Rio de Janeiro, sob a orientação de Roberto Burle Marx e Zélia Salgado. Em 1950, Clark viaja a Paris, onde estuda com Arpad Szènes, Dobrinsky e Fernand Léger. Nesse período, a artista dedica-se à realização de estudos e óleos tendo escadas e desenhos de seus filhos como temas. Após sua primeira exposição individual, no Institut Endoplastique, em Paris, no ano de 1952, a artista retorna ao Rio de Janeiro e expõe no Ministério da Educação e Cultura.

As obras querem ganhar o espaço. O trabalho com a pintura resulta na construção do novo suporte para o objeto. Destas novas proposições nascem os “Casulos, 1959”. Feitos em metal, o material permite que o plano seja dobrado, assumindo uma busca da tridimensionalidade pelo plano, deixando-o mais próximo do próprio espaço do mundo. Em 1960, Lygia cria a série “Bichos”: esculturas, feitas em alumínio, possuidoras de dobradiças, que promovem a articulação das diferentes partes que compõem o seu “corpo”. O espectador, agora transformando em participante, é convidado a descobrir as inúmeras formas que esta estrutura aberta oferece, manipulando as suas peças de metal. Com esta série, Clark torna-se uma das pioneiras na arte participativa mundial. Em 1961, ganha o prêmio de melhor escultura nacional na VI Bienal de São Paulo, com os “Bichos”.

Lygia Clark deixa de lado a matéria dura (a madeira), passa pelo metal flexível dos “Bichos” e chega à borracha na “Obra Mole, 1964”. A transferência de poder, do artista para o proponente, tem um novo estágio em “Caminhando, 1964”. Cortar a fita significava, além da questão da “poética da transferência”, desligar-se da tradição da arte concreta, já que a “Unidade Tripartida, 1948-49”, de Max Bill, ícone da herança

construtivista no Brasil, era constituída simbolicamente por uma fita de Moebius. Esta fita distorcida na “Obra Mole” agora é recortada no “Caminhando”. Era uma situação limite e o início claro de num novo paradigma nas Artes Visuais brasileiras. O objeto não estava mais fora do corpo, mas era o próprio “corpo” que interessava a Lygia.

A trajetória de Lygia Clark faz dela uma artista atemporal e sem um lugar muito bem definido dentro da História da Arte. Tanto ela quanto sua obra fogem de categorias ou situações em que podemos facilmente embalar; Lygia estabelece um vínculo com a vida, e podemos observar este novo estado nos seus "Objetos Sensoriais, 1966-1968": a proposta de utilizar objetos do nosso cotidiano (água, conchas, borracha, sementes), já aponta no trabalho de Lygia, por exemplo, para uma intenção de desvincular o lugar do espectador dentro da instituição de Arte, e aproximá-lo de um estado, onde o mundo se molda, passa a ser constante transformação.

Em 1981, Lygia diminui paulatinamente o ritmo de suas atividades. Em 1983 é publicado, numa edição limitada de 24 exemplares, o “Livro Obra”, uma verdadeira obra aberta que acompanha, por meio de textos escritos pela própria artista e de estruturas manipuláveis, a trajetória da obra de Lygia desde as suas primeiras criações até o final de sua fase neoconcreta. Em 1986, realiza-se, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, o IX Salão de Artes Plásticas, com uma sala especial dedicada a Hélio Oiticica e Lygia Clark. A exposição constitui a única grande retrospectiva dedicada a Lygia Clark ainda em atividade artística. Em abril de 1988, Lygia Clark falece.

Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp> Acesso em: 24.01.2013

Anexo 4 – Dispositivos de pesquisa

Foram realizados, ao longo do Programa Educativo 2012 da Fundação Vera Chaves Barcellos, dois questionários direcionados aos participantes dos encontros. O primeiro deles foi direcionado a todos os participantes com o objetivo de traçar um perfil do participante. O segundo foi elaborado para que alguns professores que se disponibilizaram a participar de forma mais efetiva da pesquisa respondessem.

Anexo 4.1 - Questionário avaliativo do Programa Educativo

Fundação Vera Chaves Barcellos

Projeto Projeto Educativo “Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e a sua contribuição educativa”

Programa Educativo 2012

Avaliação geral referente à participação dos professores no Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos,

Olá, Professor!

Estamos realizando um levantamento sobre o seu contato com a Arte e com a Fundação Vera Chaves Barcellos para realização de uma reflexão sobre Ações Educativas e o aperfeiçoamento do professor em Arte. Para essa reflexão, elaboramos algumas questões que estão descritas abaixo. A partir daqui, objetivamos conhecer e refletir sobre as suas necessidades, articulando com as possibilidades do atual Programa Educativo em desenvolvimento na Fundação.

Nome:

Formação:

Área de atuação (disciplina ou cargo na escola, série em que leciona, etc.):

Escola:

Rede de Ensino:

Participou de alguma edição do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos?

"Pintura: da matéria à representação"

"Um Ponto de Ironia"

"Des|Estruturas"

"Julio Plaza – Construções Poéticas"

O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos

1. O que o motivou a participar do Programa Educativo?

2. Qual a sua opinião sobre:

a. As atividades propostas

Curso

Encontro com os artistas

Visita à exposição

b. Conteúdos apresentados

Obras e temas

Conteúdos do curso

c. Material Pedagógico:

Você leu?

O glossário ajudou?

Você o utilizou em sala de aula?

Você encontrou alguma dificuldade? Qual?

Comentários:

3. Faça uma breve reflexão sobre as mudanças que você percebeu em sua visão de Arte. Caso não tenham ocorrido mudanças, nos informe sobre isso.

4. Relembrando os encontros: busque em sua memória e nos relate o que foi mais significativo nos momentos em que você participou. Em que aspectos pode contribuir para a sua formação pessoal e, em especial, para a sua docência?

5. Agora, faça um “balanço” sobre o que já foi possível modificar em sala de aula e também na relação com seus alunos.

Retornando à Fundação para continuação e aperfeiçoamento do Programa Educativo

1. Ajude-nos a tornar mais significativos e produtivos os encontros educativos na Fundação. Diga-nos que outros assuntos e atividades, relacionados à Arte, você gostaria que fossem abordados?

Anexo 4.2 - Questionário direcionado a alguns professores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação Curso de Especialização em Pedagogia da Arte

Questionário referente à pesquisa de conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte que aborda uma reflexão sobre os seguintes assuntos:

- Materiais Didáticos do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos.
- Curso de formação para professores de arte: conteúdos e temas, o que permanece?

Nome:

Formação:

Escola:

Cidade:

Tempo de atuação na área de educação

menos de 1 ano

1 – 5 anos

6 – 10 anos

11 – 15 anos

16 – 20 anos

Mais de 20 anos

Disciplina(s) que leciona

Arte

Geografia

História

Português

Literatura

Matemática

Séries iniciais

Outro:

Níveis de ensino

Educação Infantil

Ensino Fundamental

Ensino Médio

EJA

Superior

Outro:

Carga horária semanal de trabalho

até 12h

13h – 20h

21h – 40h

41h – 60h

Mais de 60h

Você pode fazer um breve relato de sua trajetória? Em como você se tornou um professor e professor de arte?

1. Cotidiano escolar e o Professor de Arte:

- Descreva, brevemente, como é o seu ambiente escolar. Como são as condições para se trabalhar com arte na sua escola?

- Como são as suas aulas de arte na escola em que leciona?

2. Formação continuada do Professor de Arte:

- Você costuma ir a exposições de arte?

Sim

Não

- Com que frequência?

1 vez a cada seis meses

1 vez por mês

Mais de 1 vez por mês

Outro:

- Acha que essa prática é importante na formação inicial e continuada do professor?

Sim. Por quê?

Não

- Você costuma ir a alguns dos lugares citados abaixo?

Não

Cinema

Teatro

Concertos

Outro:

- Você costuma participar de formações continuada, cursos ou palestras direcionadas para professores de arte?

Sim. Quais?

Não

- Faça uma breve reflexão sobre as mudanças que você percebeu em sua visão de Arte após ter participado de formações direcionadas a professores de arte.

- Relembrando os encontros das formações que você já participou: o que foi mais significativo nos momentos em que você participou.

3. Algumas questões sobre pesquisa:

- Quais são as suas principais fontes de pesquisa na hora de preparar suas aulas?

Livros

Revistas

Jornais

Catálogos

Internet

Outro:

- Caso você já tenha participado de outras formações de professores e tenha recebido algum material didático distribuído, qual a sua opinião sobre esse material? Você

acha que eles auxiliam o professor em sua atuação diária?

Sim. De que forma?

Não

- E como forma de pesquisa, os materiais didáticos também ajudam?

Sim

Não

Curso de formação continuada para Professores de Arte - Programa Educativo Fundação Vera Chaves Barcellos

A FVCB possui um Programa Educativo diferente da maioria dos modelos atuais por realizar vários encontros em que possibilita a discussão, a troca de experiências, reflexão acerca de assuntos relacionados à arte e ao que ela propicia e ampliação de conhecimentos práticos e teóricos. Diante disso reflita sobre:

4. Encontros:

- Os encontros centrados em “aulas” expositivas e discussões sobre temas relacionados à exposição em cartaz o ajudam na ampliação dos seus conhecimentos relacionados à arte e a educação?

Sim

Não

- Os encontros contribuem para a sua atuação em sala de aula? Os temas e tudo o que é discutido neles contribuem para construção e elaboração de suas aulas?

Sim. De que forma?

Não

- De que forma esses conteúdos chegam até seus alunos?

5. Encontro com os artistas:

No cronograma do Programa Educativo da FVCB também é previsto o encontro com artistas que tem sua obra exposta na mostra para falar sobre ela ou outros artistas, teóricos, curadores, etc., que chegam até os professores para conversar sobre a obra do artista que está na exposição.

- Em relação a isso, você acha importante que esses encontros sejam proporcionados?

Sim

Não

- O que, para você, é mais significativo nesses encontros?

- A conversa com os artistas é esclarecedora?

Sim

Não

- Esses encontros chegam até a sua sala de aula?

Sim. De que forma?

Não

6. Visitas à exposição:

Nos encontros para os professores são realizadas visitas à exposição.

- Você acha importante que essa visita ocorra exclusivamente para os professores?

Sim

Não

- Você acredita ser importante esse contato com as obras de arte originais?

Sim. Por quê?

Não

- Você visita a exposição antes de levar seus alunos?

Sim

Não

- Você costuma tentar fazer com que seus alunos tenham esse contato com instituições culturais e exposições de arte?

Sim

Não

a. Qual a sua opinião sobre essa prática?

7. Material Didático:

Na suas terceira e quarta edições, o Programa Educativo da FVCB conseguiu elaborar e distribuir para os professores participantes dos encontros o seu material didático.

- Você leu todo o material pedagógico?

Sim

Não

- O glossário que está presente no folheto introdutório o ajudou a desenvolver o conteúdo em sala de aula?

Sim. De que forma?

Não

- Você utilizou as pranchas ilustradas em sala de aula?

Sim. De que forma?

Não

- Você utilizou os desafios em suas aulas?

Sim. De que forma?

Não

- Como seus alunos receberam o material didático? De que forma eles interagiram com ele e/ou com as atividades propostas a partir dele?

- Você teve alguma dificuldade em utilizar o material didático?

Sim. Qual?

Não

- Como você avalia o aproveitamento em sala de aula, como fonte de pesquisa sobre arte contemporânea, adequação ao público escolar e facilidade de uso?

- Que sugestões você tem em relação aos materiais didáticos (o que gostaria de ver contemplado, qual o melhor formato, etc.)?